

Pela Paz no Viet-Nam!

VOZ OPERÁRIA

N. 240 ☆ RIO DE JANEIRO, 19-12-1953

O Povo Brasileiro
se Associa à Jornada de
Solidariedade à Pátria
de Ho Chi-Min

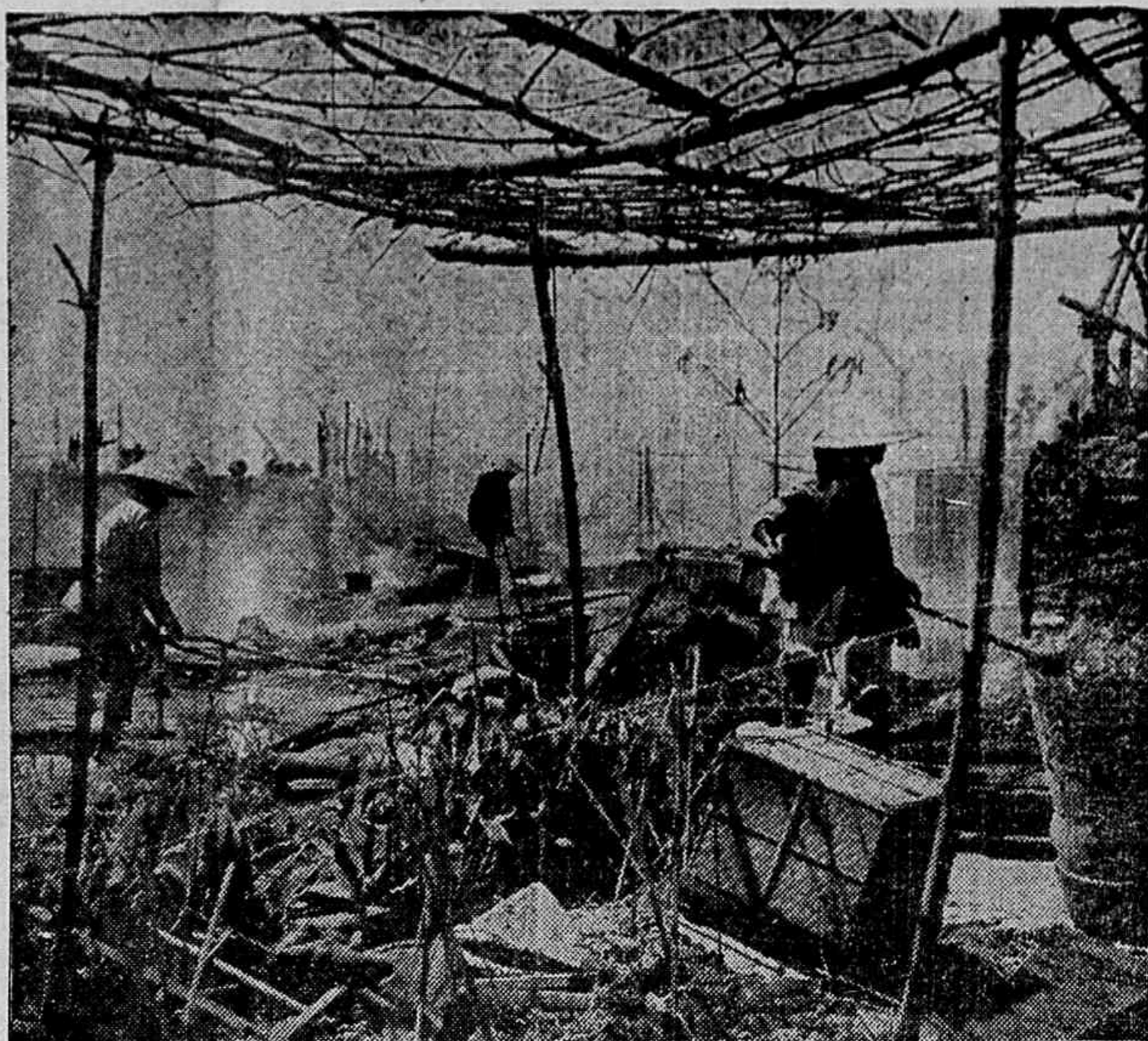
(TEXTO NA PAG. CENTRAL)



O Nome de
Stálin

Viverá
Eternamente
No Coração
Do Povo

(Texto na 5.ª página)

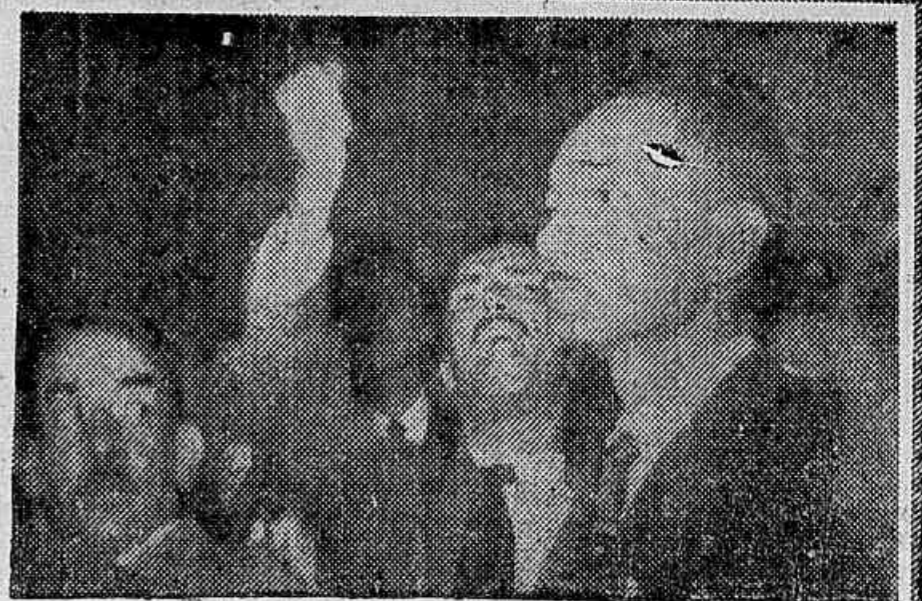


**PARA DIMINUIR A TENSÃO
INTERNACIONAL**

NOVAS INICIATIVAS DO CONSELHO MUNDIAL DA PAZ
(Leia na Página Onze)

*A Luta Pelo Abono Nos
Locais de Trabalho
Derrotará a Política do
Govêrno e Dos Patrões*

LEIA NA
8.ª PAG.



VOZ dos LEITORES

Lutam Por Melhoria os Ferroviários Gaúchos

Do correspondente de Santa Maria

SANTIAGO — Os conferentes de Santiago, São Luiz, São Borja e Jaguarí, da V.F.R.G.S. estão lutando pela elevação na faixa de padrão, da referência 7-E para 11-E, no plano de reclassificação de cargos e funções a ser votado pela Assembléia Legislativa. Nesse sentido telegrafaram ao deputado Lima Beck.

CACEQUI — Os operários da via permanente de Cacequi que se batem pela elevação de padrão da referência 6 para a referência 9, telegrafaram em favor dessa reivindicação para o deputado Cândido Norberto.

Os ferroviários da V.F.R.G.S. por várias vezes têm solicitado a nomeação de

mais médicos para a CAP. Apenas dois médicos estão à sua disposição e de maneira precária, pois têm que atender a 1.200 ferroviários e suas famílias, que perfazem um total de 4.500 pessoas. O demagogo Waldemar Rodrigues da Silva, homem do P.T.B., limita-se a repetir promessas.

IMUNDICIE

A carne em Cacequi, além de racionada, magra e ruim, não é tratada higienicamente. É transportada pelo mesmo caminhão que carrega lixo, pedra e defuntos para o cemitério. Às vezes acontece que o caminhão leva um defunto e, na volta vem carregado de carne sem ter sido desinfetado, nem lavado ao menos... O matadouro não obedece aos requisitos de higiene e a carne, no Bolãozinho, por exemplo é picada em cepos de madeira sujos e o galpão velho anda cheio de cachorros. O responsável por tudo isso é o prefeito getulista.



VOZ OPERÁRIA

Diretor Responsável
JOÃO BATISTA DE LIMA E SILVA

MATRIZ
Av. Rio Branco, 257, 17.
and. sala 1712
SUCURSAIS

São Paulo — Rua dos Estudantes, 84, s/ 29 — 2.º andar.

P. Alegre — Rua Voluntários da Pátria, 527, sala 48.

Recife — Rua da Palma, 295, s/ 205, Ed. Sacl
Salvador — Rua João de Deus, 1, s/1.
Fortaleza — Rua B. do Rio Branco, 1248, s/22.

Endereço telegráfico da Matriz e das Sucursais:

VOZPERIA

ASSINATURAS

Anual Cr\$ 60,00
Semestral 30,00
Trimestral 15,00
N. avulso 1,00
N. atrasado 1,50

Este semanário é reimpresso em S. PAULO, PORTO ALEGRE, SALVADOR, RECIFE, FORTALEZA E BELEM.

A Argos Industrial Não Paga Salário Igual Para Trabalho Igual



Na fábrica Argos Industrial S/A de Jundiá, E.S. Paulo, as leis que beneficiam os operários são sistematicamente desrespeitadas. Por exemplo a 3.ª turma que trabalha na fiação em três seções denominadas «batedor», «massaroqueira» e «rings», não vigora a lei de salário igual para trabalho igual. Na seção «rings» há 35 máquinas, sendo 24 denominadas de fiação nova e 11 de fiação velha os da fiação velha tra-

balham 10 horas por dia — das 19 às 5 horas, com apenas 15 minutos para o lanche, tendo duas folgas por semana, aos sábados e domingos. Os da fiação nova fazem oito horas consecutivas sem intervalo para o lanche e trabalham de 2.ª feira a sábado. Mas seu salário é de 30 a 40% menor que os da fiação velha. Por que agem os patrões? Sua intenção é atirar os operários uns contra os outros, pois eles sabem que a união é uma grande arma da classe operária... Mas se os operários dessas duas seções compreendem a manobra, se organizam comissões e se unem pondo de lado a manobra dos patrões, muitas vitórias podem obter na sua luta por melhores condições de vida. Entre essas reivindicações estão o aumento de salário, aquecedor para o café meia hora para lanche, salário igual para trabalho igual, etc.

O patrão da Argos, sr. Ernesto Diederichem é membro desse movimento demagógico chamado «Rearmamento Moral», que prega uma harmonia entre operários e patrões para desviar a luta dos operários e permitir lucros cada vez maiores aos exploradores.

Os operários da Argos devem escrever para a VOZ OPERÁRIA denunciando as formas de exploração do patrão, os baixos salários e a carestia da vida etc. expondo também suas reivindicações.

Do Correspondente

Não há Segurança de Vida e de Emprego na Construção Civil

Acabo de ser demitido da Construtora Canadá com sede na Av. Rio Branco 173, nesta capital o que também aconteceu com mais de 10 operários só na última semana. A exploração é tremenda na construção civil. Contratam muitos operários para os primeiros três meses da obra e os demitem depois, muitas vezes sem anotar as suas carteiras de trabalho. Há pouco tempo um rapaz quebrou o braço e sua carteira não estava anotada. Os patrões então ficaram com medo de qualquer multa — o que é raro, pois não há fiscalização — e por isso mandaram todos ao escritório para anotar as carteiras. As demissões são feitas de uma forma humilhante e ilegal, pois os próprios operários é que as levam em envelopes fechados para o escritório central. Abri a carta antes, após recebê-la e o patrão achou que aquilo era crime,

Posta Restante

BANGU (Rio de Janeiro) — Leitor José Maria da Silva Bastos — Solicitamos que nos escreva contando os acontecimentos que o levaram à presente situação, a respeito de seu terreno em Nilópolis.

RIO GRANDE (R.G. do SUL) — Leitor José Marques de Mendonça — Sua carta de 28-11-53, embora dê algumas informações sobre a situação dos trabalhadores do porto, não contém elementos suficientes. Quantas categorias de trabalhadores têm o porto? Qual a forma de pagamento de cada uma? Qual a tabela completa de mercadorias e o salário pago pela descarga de cada uma dessas mercadorias? Há desemprego no porto? Como atuam os trabalhadores no sindicato e qual a posição de sua diretoria? Você demonstra bastante interesse pela situação de sua classe, e isto poderá fazer de você um correspondente ativo da VOZ OPERÁRIA, capaz de mobilizar outros informantes entre os vários setores profissionais.

JUNDIAÍ (Estado de São Paulo) — Correspondente da Argos Industrial — Queremos saber se há alguma comissão de operários dessa empresa para estudar as reivindicações dos trabalhadores dessa empresa e se estão levando para o Sindicato essas reivindicações. Qual o fundamento da reivindicação de trabalhar 7 horas e receber oito, conforme você escreveu em sua carta? Qual a reivindicação mais importante no momento do ponto de vista dos operários? Escreva-nos enviando essas e outras informações

JORNAIS DE EMPRESA

Solicitamos a nossos leitores e amigos que nos enviem exemplares de jornais de empresa editados atualmente em vários setores de trabalho. A remessa poderá ser feita por carta, para VOZ OPERÁRIA à Avenida Rio Branco, 257, sala 1712 — Rio — D.F.

ESCRAVIZADOS PELO GOVERNO, SAQUEADOS PELO «BARRACÃO»

MOSSORÓ — (Do correspondente) — A miséria dos nordestinos é vilmente explorada pelo governo de Vargas que na época do estio aproveitava a mão-de-obra quase de graça, a trôco da comida. O Departamento Nacional de Obras Contra a Seca é o instrumento do governo e seus apaniguados para a desumana exploração dos retirantes. Cerca de mil trabalhadores, grande número deles com famílias numerosas, trabalham nas obras da estrada de rodagem Açua-Macau, vivendo em palhoças de folhas de carnaúba no local chamado «vila dos casacos» em Espinheiro. Jamais vêem dinheiro pois o que recebem são vales para retirar mercadorias no «barracão».

O encarregado do serviço, Pedro Leite, segundo consta, já está rico à custa da miséria alheia, o caminho que está sendo seguido por seu irmão Antônio Leite. José

Francisco, também encarregado, dizem que está milionário. A princípio, precisando de dinheiro os trabalhadores vendiam seus vales a usurários com um prejuízo de 20 a 30 por cento. Depois esta venda foi proibida e para obter dinheiro os trabalhadores vendiam seus vales vender a mercadoria retirada com prejuízo de 20, 30, e até 50 por cento.

Nessas obras reina o trabalho escravo — 15 horas por dia, das 3 da madrugada às 18 horas. A diária em média é de 25 cruzeiros. Nos barreiros pagam-se 4 a 5 cruzeiros por metro cúbico de barro cavado (há lugares em que não é possível tirar mais que 3 metros). Nos caminhões o pagamento é de 2 cruzeiros por carga de barro (cavar, encher e despejar), o que dá uma diária de 25 a 50 cruzeiros, em média de 36 cruzeiros. Em 15 horas, 2,40 por hora. No horário normal, de 8 horas o salário seria de 19,20 por dia...

Em compensação, a carestia é tremenda, agravada

com a exploração dos apaniguados do «barracão»: carne fresca, não há, chacha 32 cruzeiros; café moído, 32; açúcar preto, 6; refinado 7; leite condensado, 10; farinha de mandioca, 22, (cuja de 5 litros); feijão, 9 o litro; arroz, 12 o quilo; óleo, 35; cigarro Astória, 4,50; Continental, 6; fosforos, 80 centavos; calçados e tecidos, 20, 30, e até 50 por cento mais caro. Não há banha, toucinho, verduras, frutas nem leite para as crianças. Não há médicos e o remédio que existe é a cafiaspirina.

José Francisco, um dos exploradores comprou recentemente uma limusine de luxo. Pedro Leite possui vários caminhões e também comprou um automóvel de luxo. Esses exploradores primam por atentar contra a honra das famílias dos trabalhadores. Seus carros transitam às vezes cheios de mocinhas que se deixam iludir. Sabe-se que Antônio Leite, em setembro último carregou com a filha de um trabalhador para deixá-lo «solta» em Caicó, para onde, segundo consta, já levou várias mocinhas.

Diante desse quadro de exploração, miséria e humilhação, só há um caminho para os trabalhadores: é lutar contra o governo e seus apaniguados. É opinião corrente que se deve exigir uma diária de 40 cruzeiros por oito horas de trabalho, pagamento em dinheiro por quinzena e abolição dos odiosos vales. Exige-se ainda um médico e um posto de medicamentos do governo. Se os trabalhadores se organizam e discutem sua situação, estão em condições de exigir respeito à seus direitos humanos e à honra de suas famílias.

Edição Dedicada Aos Ferroviários

Brevemente daremos uma edição dedicada ao ferroviário. Solicitamos por isso aos leitores e amigos que deem sua colaboração à VOZ OPERÁRIA, enviando com a máxima urgência o maior número possível de informações sobre a vida dos ferroviários e a situação das Estradas de Ferro de todo o país. Procuraremos focalizar todos os aspectos da vida dos trabalhadores nas ferrovias, desde a questão do salário e outras reivindicações imediatas, incluindo greves, etc., até as lutas pela paz, pelas liberdades democráticas e pela emancipação nacional.

As cartas dos ferroviários poderão ser planejadas de forma a que tratem, cada uma de um aspecto da situação. Onde houver agência da VOZ OPERÁRIA e correspondentes assíduos deste jornal por intermédio deles poderá ser organizada a remessa de dados. A realidade vivida que essas cartas sempre contêm, muito contribuirá para que a VOZ OPERÁRIA faça dessa edição uma edição digna dos ferroviários brasileiros.

Confissões de um Defensor da "Ordem"

DESMASCARADA A MANOBRA DO GOVERNO E A POLITICA DIVERSIONISTA DE VARGAS CONTRA O POVO TRABALHADOR — O ABONO DE NATAL UM DIREITO LEGITIMO, UMA FORMA DE AUMENTO DE SALARIO E DE LUTA CONTRA A CARESTIA — A UNIDADE DE AÇÃO ATRAVÉS DOS SINDICATOS E ASSOCIAÇÕES LEVA A VITÓRIA OS TRABALHADORES EM LUTA

«Há falta de energia elétrica, há falta de transporte, há falta de matérias-primas para as indústrias, há falta até de peças para a manutenção dos equipamentos mecânicos, há falta, enfim, de um bom número de objetos de consumo indispensáveis.»

«Não se conseguiu debelar, nem ao menos reduzir, a intensidade da crise inflacionária, que, outra vez mais, se agrava.»

Ouvindo-se estas palavras, poder-se-ia pensar que se trata de um libelo acusatório contra o governo de Vargas, formulado por algum patriota legitimamente indignado com a situação calamitosa a que o país foi arrastado por culpa da política criminoso do governo de Vargas.

E, tanto mais, porquanto estas palavras foram precedidas pela citação de cifras e números que, embora incompletos, dão uma idéia do descalabro em que anda o país. Assim é que a balança comercial brasileira apresentou, em 1951, um déficit de 4 bilhões de cruzeiros e, em 1952, de 11 bilhões; a dívida externa, de origem comercial, monta a 1 bilhão e 706 milhões de dólares; o débito do Tesouro com o Banco do Brasil já era, em 3º de outubro deste ano, de 6 bilhões e 800 milhões de cruzeiros.

OS TEMORES DE UM DEFENSOR DA «ORDEM»

Mas a impressão que poderia ter quem ouvisse aquela frase isolada logo se desfaz quando se tem conhecimento de que foi pronunciada pelo deputado Israel Pinheiro, uma das figuras de proa do governo de Vargas, apresentando a 9 do corrente, na Câmara Federal, o relatório da Comissão de Finanças sobre a situação econômica e financeira do Brasil.

Que teria levado um dos mais ferrenhos defensores da «ordem» semi-feudal e semi-colonial a retratar desse modo a situação do país?

Velha raposa, o sr. Israel Pinheiro sabe perfeitamente o que está fazendo. Ele próprio deixa claro o que pretende quando diz que se trata de relegar «a segundo plano as divergências partidárias», para tomar «as medidas que se tornem necessárias para evitar o declive que se nos apresenta como ameaça inquietadora» (ameaça aos privilégios das classes dominantes, entendase).

E logo, patético: «Já é tempo de tomar-mos o caminho certo, com a disposição e a energia daqueles que têm de enfrentar uma batalha decisiva, em defesa da segurança e da estabilidade do



regime democrático» (leia-se: do regime despótico do feudalismo e da dominação imperialista).

Sagaz porta-voz do governo de Vargas, ele sente que a situação nacional não é nada tranquila. Quem pode deixar de ver que cresce o descontentamento das massas e suas lutas não sendo ingênuo para fechar os olhos à profunda instabilidade política que presenciámos. Israel Pinheiro descortina timidamente o véu atrás do qual os homens como ele sempre procuraram esconder a realidade. Para que? Para conchamar à «união sagrada» em torno de Getúlio, em defesa do que ele chama de «regime democrático». Sabe-se o que isso significa: o direito de o governo espolar mais ainda o povo, de vender o país a retalho, de negociar com o sangue e a vida de nossa gente, de lançar mão dos espancamentos e assassinatos contra os que se erguem para acabar com essa espécie de «democracia» para os dominadores.

O «caminho certo» que Israel Pinheiro proclama é a política do governo de Vargas, cujos resultados ele próprio não pôde esconder: — «tratamento preferencial» à agricultura, e maiores facilidades às inversões de capitais norte-americanos no Brasil, principalmente pelo combate ao «nacionalismo extremado», «envenenado» pela propa-

ganda anti-americana; em outras palavras, por meio do terror.

Não há nisso nada de estranho: homem de Getúlio, Israel Pinheiro defende a política de Getúlio, os interesses dos latifundiários e grandes capitalistas que oprimem o país. As medidas que ele preconiza são as mesmas que o Esquema Aranha, por exemplo, visa atender e que, não por acaso, Israel Pinheiro defendeu também.

Mas em seu discurso sobressai a preocupação, o temor das classes dominantes, do governo de Vargas, ante o crescimento do ódio patriótico de nosso povo aos dominadores imperialistas e seus lacaios nacionais, o pavor de que o povo tome finalmente os destinos da nação em suas próprias mãos. Por isso o discurso de Israel Pinheiro está pontilhado de expressões como essas de «pressão de acontecimentos incontroláveis», evitar o declive», «ameaça inquietadora», etc.

O QUE ISRAEL PINHEIRO QUER EVITAR

Defensor consciente do imperialismo e do latifúndio, Israel Pinheiro procura em seu discurso justificar o governo de Vargas e o fracasso de sua política. Como homem do regime, vê que o edifício ameaça ruir. Sente a revolta popular e procura argumentos para defender o governo e dêle desviar a ira popular. Representante de interesses caducos, de um regime já podre, ele vê a salvação (de sua gente, é cla-

ro) em apoiar-se no imperialismo americano (facilidades para a inversão de capitais) e reforçar o latifúndio («tratamento preferencial à agricultura»).

E' sabido que não têm futuro os governos que se apoiam no imperialismo americano. Querendo salvar o governo de Vargas, o regime feudal-burguês, Israel Pinheiro quer fazer algo inteiramente impossível. Exatamente devido à política criminosa que defende — a única aliás que podem seguir os latifundiários e grandes capitalistas — crescerá mais e mais o descontentamento das massas, seu ódio aos imperialistas americanos, sua consciência de que o governo de Vargas é seu inimigo.

Para as forças patrióticas o discurso de Israel Pinheiro tem, todavia, ensinamentos preciosos. No momento em que os homens do governo manobram, sentindo que o terreno lhes foge sob os pés, sentindo que já não têm forças para dominar pelos mesmos métodos de antes, devemos compreender claramente que é a hora de acentuar o desmascaramento do governo de Vargas, contra ele canalizar as lutas populares de modo a fazer em pedaços o Poder já precário dos latifundiários e grandes capitalistas vendidos ao imperialismo americano e conquistar um Poder do povo.

Esse o único meio de colocar o Brasil no caminho do progresso e nosso povo no caminho da felicidade.

EDITORIAL

Levar à Vitória a Convenção Pela Emancipação Nacional

Estão se realizando, de norte a sul do país, os preparativos para a próxima Convenção pela Emancipação Nacional, que tem por finalidade discutir e elaborar um programa de ação comum de todas as forças interessadas no progresso do país. O tema da Convenção, a acolhida que encontra essa iniciativa entre as amplas camadas de nosso povo, as adesões que se multiplicam de personalidades, sindicatos e organizações da mais diversa natureza, os atos preparatórios já efetivados e as realizações programadas — tudo isso mostra que a Convenção pode e deve ser um acontecimento da maior importância para os destinos da nação.

O interesse que ela desperta não é casual. A intromissão norte-americana que já penetra em todos os poros da vida nacional, arrancando lucros cada vez mais fabulosos do país, torna evidente a existência da grave ameaça de vermos nossa Pátria transformada em simples colônia ianque. E os imperialistas norte-americanos encontram todas as facilidades para isso da parte do governo de traição nacional de Vargas que, tendo perfeita identidade de interesses com o imperialismo ianque, é na realidade o apoio moral e político da dominação ianque, um governo americano instaurado no Brasil. Estes os responsáveis pela política criminosa que impede o livre desenvolvimento do país, o arrasta à catástrofe, à fome, à miséria, e o coloca sob a ameaça de sofrer a desonra de ser arrastado a uma guerra em defesa dos privilégios de seus espoliadores e opressores.

O Ministro da Guerra de Getúlio Jura Fidelidade aos Americanos

O MINISTRO da Guerra de Getúlio afrontou novamente a nação, voltou à carga para ferir os mais caros e nobres sentimentos do povo brasileiro com sua declaração guerreira, por ocasião das manobras militares que acabam de se realizar no campo de Geriçinó.

Dirigindo-se aos membros da Missão Americana, que supervisionaram essas manobras, declarou textualmente que eles podiam contar com o Brasil na comunidade das Nações Unidas, com a fidelidade e a constância que sempre caracterizam nossas ações através da História, disse com todas as letras que está pronto para enviar nossos soldados «para defender a liberdade onde quer que ela esteja ameaçada».

Jamais se viu antes, em nossa pátria, tamanha demonstração pública de subserviência, um Ministro da Guerra proclamando sem meias tintas sua «fidelidade» a chefes militares de uma potência estrangeira e pondo-se à sua disposição para combater «onde for preciso».

Em nome da «liberdade» e enxovalhando a bandeira das Nações Unidas, os imperialistas americanos, a quem se dirigiu de joelhos o Ministro de Getúlio, invadiram e falaram a Coréia; em nome da «liberdade» os ianques semeiam bases aéreo-navais pelo mundo inteiro preparando o mais monstruoso dispositivo guerreiro de agressão que a história assinala; falando em «liberdade», Eisenhower associa-se ao selvagem bandido Franco; invocando a liberdade o governo americano, da própria tribuna das Nações Unidas, ameaça o mundo com o extermínio atômico. Não, os incendiários de guerra e muito menos seus lacaios não enganam ninguém.

O porta-voz da política de guerra e traição nacional de Getúlio renova em termos ainda mais cínicos declarações anteriores de obediência aos americanos. E agora que Eisenhower tange seus satélites para a Conferência Interamericana Caracas, já vemos pelas declarações monstruosas de Geriçinó do que se trata: arrebatar carne de canhão nos países latino-americanos a começar pelo Brasil, fazer funcionar o «acórdão militar» dentro dos planos guerreiros do patrão de Washington.

As manobras que terminam são as maiores manobras de operações ofensivas, treino para a invasão de terras alheias, já realizadas na América do Sul. Elas denunciam gritantemente o destino que os vende-pátrias reservam à nossa juventude — a morte e a desonra na tarefa inglória de atacar povos livres «onde for necessário», isto é, onde os americanos determinarem.

Não faltou realismo a essas manobras, dizem os jornais burgueses, a começar pelos mascarados de «O Popular» que apresentaram as vergonhosas declarações do Ministro Getúlio como «defesa da democracia». Esse realismo é bem uma advertência — um jovem brasileiro de 20 anos perdeu a vida. Para essa «realidade» querem arrastar nossa juventude sob o comando dos sanguissedentos generais milionários de Wall Street.

Nosso povo não fica indiferente ante o grave perigo. Lança-se com mais audácia e espírito ofensivo à luta pela paz e a libertação nacional. Os soldados, nossos filhos, não serão carne de canhão. Um governo que se assim se prosterna diante do estrangeiro agressivo não pode falar em nosso nome, precisa ser substituído por um governo do povo, por um governo realmente brasileiro, popular e democrático.

O Terror Sangrento na Venezuela

«A CULTURA É UMA PALAVRA DE ORDEM COMUNISTA, MORRA A INTELIGÊNCIA!» É O LEMA DA CANDIDATURA PEREZ JIMENEZ

BANDITISMO americano não está no poder na Venezuela. Para os fiéis lacaios dos trustes lanques do petróleo e do ferro, que ferrubaram o governo legítimo do país irmão o assassinato político é a regra e a lei única.

A mais recente medida da ditadura sangüinária de Marcos Perez Jimenez é o recurso ao fuzilamento de presos políticos, como reféns. «Ou são entregues as cabeças da conspiração

interna ou vamos liquidar os chefes encarcerados» — é a ameaça dos gangsters oficiais às famílias da resistência e a todo o povo venezuelano. E para vencer a população de que não se trata de uma simples ameaça a gestapo Perez Jimenez, a negra «Seguridad Nacional», nas batidas que faz frequentemente às residências dos presos e perseguidos políticos, recorre, «pasa que se-

vam de exemplo», os assassinatos de Leonardo Ruiz Pineda, Castor Nieves Rios, Alberto Carnevall, Antonio Pinto Salinas do partido da Ação Democrática; de Felix Castillo, Rufino Mendoza, Juan Guedez, dos irmãos Arias e dos 46 camponeses de Turén, do Partido Comunista; do dr. German Gonzales e do capitão Wilfrido Omana, sem partido.

Já dura mais de cinco anos esse regime de terror sob os auspícios dos Estados Unidos.

Os dois golpes de Estado

Até o dia 24 de novembro de 1948, a Venezuela ainda vivia num regime constitucional. Governava o país Romulo Gallegos, escritor de fama mundial e chefe do partido Ação Democrática. Um grupo de militares fascistas usurpou o poder por meio de um golpe. Quatro anos depois, os usurpadores sentiram a necessidade de realizar uma farsa eleitoral. Apesar da fraude, da coação e de toda espécie de arbitrariedades, o povo venezuelano deu uma resposta esmagadora à camarilha fascista encastelada no poder. Os próximos registros oficiais tiveram que reconhecer que o povo deu 1.800.000 votos à oposição contra apenas 600.000 votos ao governo, apesar de terem cometido o suborno e a coação. 95 deputados para a oposição e nove para a ditadura. Mediante a intervenção arbitrária do Ministério de Relações Exteriores esses resultados colhidos pelo censo eleitoral do próprio governo Perez Jimenez foram transformados no seguinte: 61 deputados para a ditadura e 43 para a oposição.

Houve assim dois golpes, a ditadura Perez Jimenez é duplamente ilegal.

As forças democráticas negaram e a aceitar essa escandalosa violação da vontade popular manifestada nas urnas.

Mais prisões do que sob a ditadura de Gomez

Nestas condições, não existe lei nem regulamento de espécie alguma. Impera o arbítrio da ditadura. Não existe liberdade de pensamento, a imprensa é censurada nos moldes nazi-lanques. Os partidos democráticos são perseguidos e postos na ilegalidade: a Ação Democrática, partido de governo até novembro de 1948, e o Partido Comunista da Venezuela foram proscritos e seus dirigentes e militantes perseguidos, presos, torturados e assassinados; os partidos da União Republicana Democrática, vencedora das eleições de 1952 não têm permissão para nenhuma atividade pública e muitos de seus dirigentes estão presos ou desterrados.

Nos cárceres e campos de concentração encontram-se no momento mais de três mil presos políticos. Centenas de venezuelanos estão no exílio, milhares vivem ocultos em sua própria pátria. O número de cidadãos que passou pelos cárceres nestes últimos cinco anos é superior ao de todas as ditaduras anteriores reunidas, inclusive a ditadura de Juan Vicente Gomez que durou 27 anos.

Estão correndo mortal perigo os melhores filhos do povo venezuelano, destacando-se Jesus Faria, dirigente operário e líder dos trabalhadores do petróleo, preso há três anos sem culpa formada, incomunicável, sem receber visitas nem ler jornais; dirigentes sindicais como Pademús Lopez, Martínez Pozo, Falcundo Lopez e outros além de inúmeros advogados, médicos, estudantes e professores.

«A cultura é palavra de ordem comunista, morra a inteligência!» — Assim parafraseou Goering o atual Ministro da Educação da Venezuela ao determinar a intervenção na Universidade de Caracas.



O Conselho de Ministros da União Soviética outorgou ao camarada André Vischinski a Ordem da Lenín, por ocasião de seu septuagésimo aniversário. A vida de André Vischinski tem sido inteiramente dedicada à felicidade de seu povo e ao progresso humano. Vischinski destaca-se como um dos maiores juristas soviéticos: há poucos anos sua importante obra «A teoria da prova no direito soviético» mereceu o prêmio Stálin. Precisamente por seus altos conhecimentos jurídicos é que ocupou no passado o posto de Procurador, onde contribuiu para desmascarar os traidores trotskistas que, aliados à Alemanha de Hitler, preparavam a derrocada da União Soviética.

Depois da guerra, foi o principal colaborador de Molotov na direção do Ministério do Exterior, representando seu país sucessivas vezes na Assembleia Geral da ONU, onde defende com brilho a política de paz e de entendimento entre as nações propugnada pela União Soviética, e as propostas relativas à interdição da bomba atômica, das armas bacteriológicas e ao desarmamento geral. Seus discursos calorosos reduziram a pó, um a um, todos os argumentos capciosos erguidos pelos imperialistas americanos em defesa de seus interesses guerreiros.

Quando Molotov deixou o cargo de ministro do Exterior, para ocupar novas funções, Vischinski substituiu-o na pasta. Membro do Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética, Vischinski exerce atualmente as funções de Delegado Permanente da URSS na Organização das Nações Unidas.

Anistia, clamam os povos

É nessa «democracia» que o governo Eisenhower pretende reunir os satélites latino-americanos na X Conferência Interamericana. O imperialismo corre em socorro de seu lacal Perez Jimenez. Mas o clamor do povo venezuelano ecoa em toda a América e no mundo. Ergue-se a campanha internacional de solidariedade ao povo venezuelano, exigindo respeito à vida dos presos e perseguidos poli-

ticos, exigindo uma imediata e completa anistia, pondo um paralelo a essa onda inaudita de crimes. O povo brasileiro junta sua voz à de todos os povos irmãos da América Latina. Telegramas, memoriais, abaixo-assinados, comissões farão sentir, em número cada vez maior, ao embaixador da Venezuela o repúdio dos brasileiros aos bárbaros crimes de Perez Jimenez, a exigência de anistia para os presos políticos.



JESUS FARIA — Presidente do Comitê Sindical Unitário dos Trabalhadores do Petróleo da Venezuela, vice-presidente da CTAL, senador da República. Dirigente das greves de 1936 e 1950 na indústria petrolífera, acha-se sequestrado na masmorra de San Juan de los Morros, sem culpa formada, desde maio de 1950.

“RUMORES SEM FUNDAMENTO”

“Como explicar os rumores de que o Brasil está agora disposto a assumir uma linha de mais completa independência?”, perguntou ao senhor Vicente Rao o reporter de “Visão” (n.º de vv-XII-EC). E o ministro, sem pestenejar: “São rumores sem o menor fundamento.”

E, a prova, deva logo adiante: não estão, segundo ele, sendo estudados pelo Governo os mercados soviéticos e chineses; nada existe sobre fornecimento de material petrolífero (sondas, refinarias, etc.) por parte da URSS, embora seja sabido que eles podem ser adquiridos prontamente, e em cruzeiros. Em compensação, Rao considera importíssimo o novo tratado com o Portugal salazarista.

Os Americanos Preparam o “Entendimento”

A propaganda americana insiste na tecla de que a União Soviética dificulta o desarmamento, de que ela perturba as relações internacionais e que tudo poderia ir no melhor dos mundos se não fosse o “arcaísmo” dos russos que insistem em defender conceitos como o de liberdade, soberania, igualdade e outras coisas mais. Ainda agora, ao se verem forçados a aceitar a realização de uma Conferência de Ministros do Exterior, para estudar as questões européias, os imperialistas americanos, com Eisenhower e Dulles à sua frente procuraram lançar uma verdadeira cortina de fumaça sobre suas verdadeiras intenções.

Os fatos, porém, não mudam de acordo com a verborragia dos propagandistas de guerra. Eis, por exemplo, como os americanos preparam, a seu modo a próxima conferência internacional: Dulles exigiu dos franceses a imediata ratificação do tratado do Exército Europeu, que é um tratado de guerra.

Seu estilo de gangster foi classificado pelos jornais parisienses da própria burguesia de “brutal” e suas palavras tomadas como uma torpe advertência. Enquanto isso, a Organização do Tratado do Atlântico Norte deliberou aumentar seus efetivos militares de mais sete divisões e de 1.700 aviões de combate, até os fins de 1954.



Ameaça Nossos Povos A X Conferência Interamericana

Está convocada para março vindouro a X Conferência Interamericana, que se realizará em Caracas. Os povos de nosso continente já sabem por experiência própria o que significa para eles a reunião dos opressores lanques com seus lacaios mais categorizados dos diversos países do hemisfério. As conferências interamericanas sempre foram um meio utilizado pelos americanos para articular sua política de dominação, e isso mesmo no tempo em que o perigo nazista obrigava-os a ceder em certos pontos secundários.

Na última Conferência, em Bogotá, Marshall arrancou dos delegados latino-americanos as mais vergonhosas violações à soberania de nossos povos. Ali, o ex-Ministro do Exterior de Getúlio, João Neves, levantou a «teoria» da «alienação progressiva da soberania». No mesmo âmbito da «cooperação interamericana» é que nos foram impostos tratados como o do Rio de Janeiro.

Mas, nas condições atuais de desespero imperialista, a próxima Conferência apresenta um perigo ainda maior do que as anteriores para a segurança de nossa pátria e dos povos irmãos do continente. Sua própria agenda é um diktat lanque. Nela se inscreve, como tema principal, a «intervenção do comunismo internacional nas repúblicas americanas».

De que se trata? Trata-se de que, diante do movimento de libertação nacional que cresce e se intensifica nos países americanos, os lanques preparam as fórmulas «jurídicas» que lhes permitam arrastar as nações continentais para intervenção armada naqueles Estados que contrariem sua política. Não é segredo, pois já foi proclamado oficialmente, que o Departamento de Estado acusará publicamente a Guatemala de ser dirigida pela União Soviética

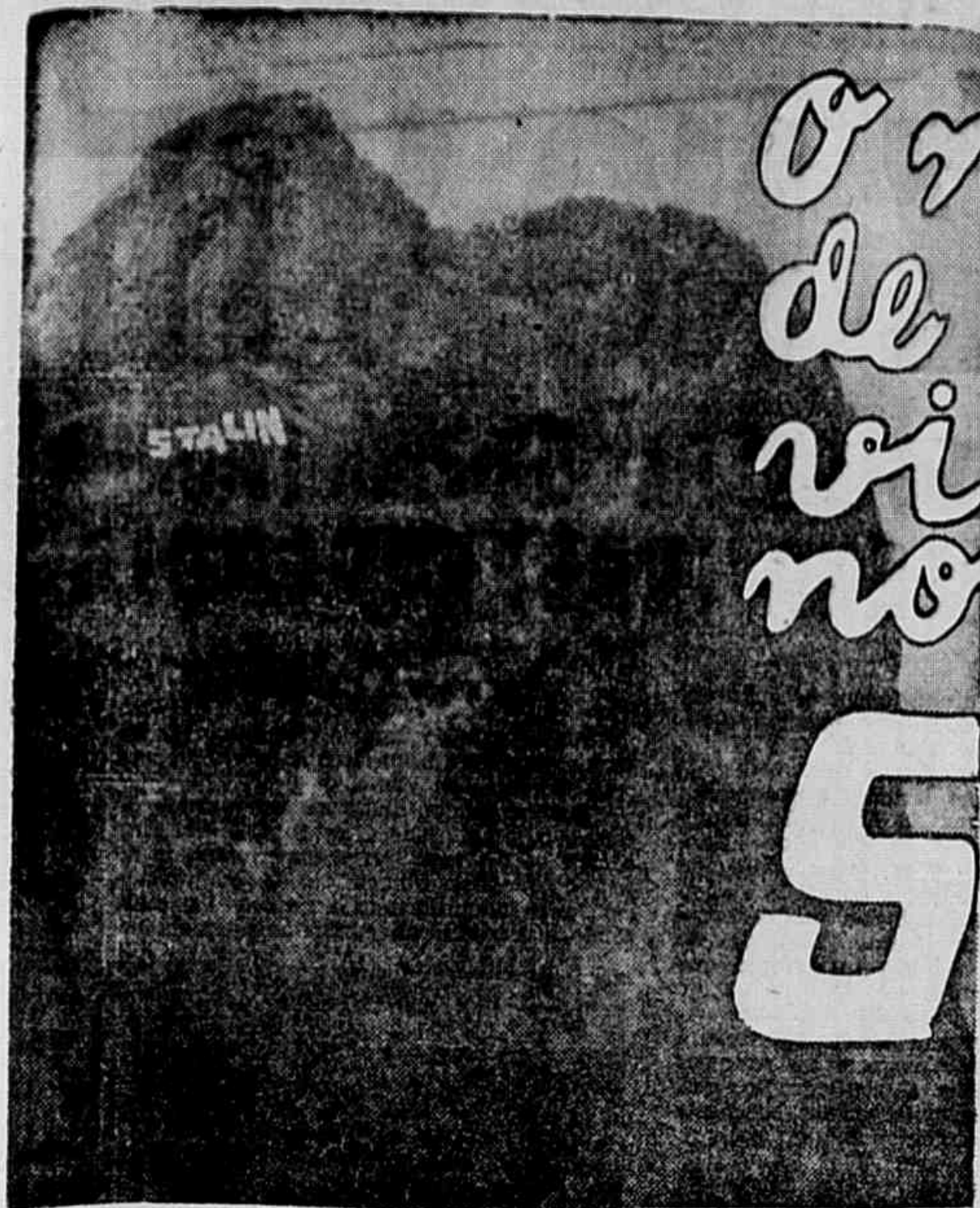
e de imiscuir-se na vida dos outros povos. Ao mesmo tempo, o governo fantoche da Colômbia anuncia que apresentará a proposta de criação de um «exército interamericano», pronto a agir ao primeiro sinal dos homens do Pentágono. Enquanto isso o governo de Vargas já anuncia pela boca de seu Ministro da Guerra que o exército brasileiro está pronto a agir em qualquer parte onde se faça necessário «defender a democracia».

Não há dúvida, por outro lado, que será exercida uma pressão direta sobre todos os Estados americanos, no sentido de reforçar as condições de monopólio comercial exercido pelos trustes lanques. Por outras palavras, forçarão favores novos para novos investimentos e cuidarão de impedir que se reate ou intensifique o comércio com os países do campo democrático, capaz de aliviar grandemente a situação catastrófica em que se encontram o Brasil e os países que, como ele, sofrem a dominação americana.

Uma coisa são, porém, os planos dos imperialistas e seus lacaios e outra, muito diferente, a capacidade que têm de pô-los em execução. A experiência tem provado que é possível derrotar os planos dos trustes estrangeiros. Basta citar, por exemplo, o malogro de suas exigências no sentido do envio de tropas para a agressão à Coreia.

Um papel importantíssimo na preparação da Conferência e em todos os planos sinistros que ela encerra cabe ao governo de Getúlio. Não é por outro motivo, aliás, que se sucedem, no Rio, as visitas de Presidentes de países escravizados e que se anuncia uma reunião de todos os embaixadores brasileiros no Continente.

Denunciar a Conferência e organizar o povo para desfazer os planos colonialistas que nela se pretende aprovar é um dever que não pode ser adiado.



O nome imortal de Stalin viverá sempre no coração do povo

STALIN

No dia 21 de dezembro de 1949, data do 70º aniversário de Stálin, o morro dos Dois Irmãos, no Rio de Janeiro, amanheceu com a inscrição que se tornou famosa no mundo inteiro. O ato de coragem e audácia dos patriotas exprimiu com eloquência o entraçado amor de nosso povo pelo grande Stálin.

Neste mês de dezembro nosso povo costumava festejar o nome de Stálin. Nos lares e nas fábricas, nas cidades e nos campos, as pessoas simples comentam:

— Se Stálin estivesse vivo, completaria mais um aniversário no próximo dia 21, daqui a poucos dias..

O tempo não apaga o nome querido do coração do povo. Sua obra gigante é indestrutível. A União Soviética, fortaleza inexpugnável da paz, avança, vitoriosa, pelo caminho traçado por Stálin. A cada dia que passa, os povos avaliam melhor o quante devem a Stálin. Evocando seu nome glorioso, na oportunidade deste mês de dezembro, o primeiro que passamos sem Stálin, sentimos e compreendemos a justiça e a sabedoria dos seus ensinamentos. Nos lares e nas fábricas, nas cidades e nos campos, as pessoas simples recordam as claras palavras que vão diretas à compreensão, as indicações práticas que surgem tão naturalmente como cousas indispensáveis quando a tarefa é dada por Stálin, o pensamento profundo que se absorve como uma idéia familiar quando é transmitido por Stálin, o mestre incomparável.

O último discurso:
hoje é mais fácil lutar

Ninguém como Stálin sabia dizer tanto em tão poucas palavras. O último discurso que pronunciou, seu testamento político, foi da tribuna do XIX Congresso do Partido Comunista da União Soviética. Saudando os representantes fraternais dos partidos irmãos, entre os quais se encontrava o representante do Partido Comunista do Brasil, com palavras de inextinguível clareza e numa síntese admirável, Stálin expõe e fundamenta teses de importância decisiva para a luta do proletariado e dos povos do mundo inteiro.

Em primeiro lugar, Stálin ressalta com todo o vigor a luta do Partido Comunista da União Soviética por um futuro luminoso para os povos, contra a guerra, pela manutenção da paz. Assim define Stálin o objetivo central do PCUS — a manutenção da paz.

Em segundo lugar, Stálin ressalta o apoio recípro-

co que liga os partidos comunistas de todos os países ao P.C.U.S. O que caracteriza esse apoio é que, apoiando o P.C.U.S., apoiamos em primeiro lugar a luta de nosso próprio povo pela paz e, em segundo lugar as aspirações de paz da União Soviética. Stálin explica que isto acontece porque os interesses do P.C.U.S. não contradizem mas se harmonizam, se fundem com os interesses dos povos amantes da paz.

Em terceiro lugar, Stálin ressalta o dever dos partidos comunistas e democráticos de empunhar a bandeira das liberdades democráticas. Só assim agruparão a maioria dos cidadãos. A burguesia jogou fora e pisoteia a bandeira das liberdades democrático-burguesas, substituiu a igualdade de direitos para todos pela plenitude de direitos para a minoria exploradora e a ausência de direitos para a maioria explorada dos cidadãos. Stálin explica que só os comunistas, ninguém mais, podem erguer a bandeira das liberdades.

Em quarto lugar, Stálin ressalta o dever dos partidos comunistas de erguer e levar

adiante a bandeira da independência e da soberania nacional. Só assim se tornará a força dirigente da nação. A burguesia jogou fora a bandeira da independência nacional e vende por dólares a soberania da pátria. Stálin explica que só os comunistas, ninguém mais, podem erguer a bandeira da independência nacional.

gurar o ascenso ulterior de todos os ramos da economia soviética, aumentar o bem-estar material, promover a melhora da proteção à saúde e a elevação do nível cultural do povo.

É um plano de pacífica edificação econômica e cultural. Isto não é importante só para os povos soviéticos pois, como demonstrou Stálin,

os países capitalistas que marcha para o abismo da guerra, proporciona lucros máximos aos imperialistas e determina o empobrecimento constante dos povos.

A Última Obra: «Como Passar à Sociedade Comunista Completa»

As vésperas da reanulação do XIX Congresso do PCUS foi divulgada a obra genial de Stálin «Problemas Econômicos do Socialismo na U.R.S.S.» Nesta obra clássica, o tesouro teórico do marxismo-leninismo, Stálin põe ao alcance dos povos as últimas e grandiosas conquistas da ciência e do pensamento humanos. Formula e fundamenta a lei econômica fundamental do capitalismo contemporâneo e a lei econômica fundamental do socialismo. Sem conhecer e tomar em conta as duas leis descobertas pelo gênio de Stálin não se pode agir com acerto diante dos fatos e acontecimentos de

nossa época, não se pode corrigir acertadamente a luta dos povos e levá-los à vitória.

Pela primeira vez na literatura revolucionária, são expostas e explicadas as condições e medidas para a passagem gradual da sociedade socialista para a sociedade comunista completa. Stálin descortina o quadro gradioso dum sociedade que assegure a todos os seus membros o desenvolvimento completo de suas capacidades físicas e intelectuais, para que possam escolher a profissão de sua vocação e não fiquem amarrados pela divisão do trabalho a uma só profissão qualquer pelo resto da vida. Para isso é preciso reduzir a jornada de trabalho para seis e cinco horas, implantar o ensino politécnico geral e obrigatório, duplicar pelo menos o salário real e melhorar as condições de vida. Para homens assim formados, o trabalho deixará de ser uma pesada carga para tornar-se um prazer, será possível obter de cada um segundo suas capacidades e dar a cada um segundo suas necessidades.

A ÚLTIMA INICIATIVA DE PAZ: NEGOCIAÇÕES COM EISENHOWER

A última entrevista de Stálin versou sobre o tema de sua constante preocupação — salvar a paz. Suas palavras tiveram uma profunda repercussão em todo o mundo. Respondendo ao jornalista, que perguntou se acolheria favoravelmente o exame da possibilidade dum encontro com Eisenhower, Stálin respondeu:

— Considero favoravelmente uma tal proposta.

Em todos os momentos, o Campeão da Paz salientou a disposição da URSS de promover a solução pacífica das questões litigiosas. Como de costume, os imperialistas americanos, que temem a paz, tudo fizeram para que o encontro não se realizasse. E agora mesmo, diante das reiteradas propostas de negociações da URSS aplicando a política stalinista da paz, Eisenhower apresenta na ONU as velhas calúnias e provocações com nova roupagem.

A recordação das palavras e dos ensinamentos de Stálin não ecoa como uma triste despedida. Eles vibram a todo instante como um estímulo, um incentivo, uma certeza de vitória. Por isso o nome imortal de Stálin viverá sempre no coração do povo.



Nestas condições, disse Stálin, é mais fácil lutar e o trabalho rende mais.

A Última Diretiva: O Quinto Plano Quinquenal de Construção Pacífica

Definindo os objetivos do 5º Plano Quinquenal, mostrou Stálin que éle deve asse-

contribuirá para fortalecer os laços da colaboração fraternal com as democracias populares e para ampliar as relações econômicas com todos os países, na base da igualdade de direitos e das vantagens recíprocas.

O 5º Plano Quinquenal Stalinista orienta a economia soviética no sentido da paz em contraste com a economia



PELA PAZ NO VIET-NAM!

AO INICIAR-SE O OITAVO ANO DA "GUERRA MUNDA", OS POVOS EXIGEM A CESSAÇÃO DA MATANÇA E A PLENA INDEPENDÊNCIA DA PÁTRIA DE HO CHI-MIN

DURANTE dezenas de anos o povo do Viet-Nam gemeu sob a boia colonizadora dos capitalistas franceses. Em 1915, quando sob os golpes poderosos do Exército Soviético os invasores japoneses tiveram de retirar tropas para outras frentes, uma insurreição nacional entregou o poder ao povo: nasceu a República Democrática do Viet-Nam. Mas os monopolistas franceses não estavam dispostos a abrir mão dos odiosos privilégios conquistados pela força e pela traição. Teve início, então, a guerra de bandidos que há sete anos se alimenta do sangue de dois povos: o francês e o vietnamita, ambos explorados pelos mesmos homens que fazem da guerra de rapina seu método e do saque desenfreado seu único objetivo.

Vinte e três milhões de homens, mal saídos da escravidão colonial derrotam, dia após dia, sobre um território de 350.000 quilômetros quadrados as mais aguerridas tropas dos imperialistas da França ao mesmo tempo que assegurou o progresso e a prosperidade para a nação inteira. Paz no Viet-Nam! Essa exigência dos povos, proclamada desde 1946, deve ressoar agora com a mesma força e o mesmo ímpeto com que se ergueu unânime, o clamor contra a agressão imperialista na Coreia.

A 19 de dezembro de 1946, o ataque de Hanoi pelos piratas franceses pôs o povo vietnamita na contingência de escolher entre o retorno à escravidão e a defesa da liberdade. Eis por que esse é o dia de solidariedade internacional à República Democrática do Viet-Nam, à qual nos conclama a Federação Sindical Mundial, a mais poderosa organização operária que já existiu na história.



No "front", combatendo os colonialistas, o Exército Popular do Viet-nam, procura alfabetizar os combatentes. Acima, jovens vietnamitas recebem instrução numa das muitas escolas, ali instaladas

A CONQUISTA DO VIET-NAM

A opressão francesa no Viet-Nam data do século passado. Depois de ajudarem a agredir a China, da qual a Indochina fazia parte, a cobiça dos capitalistas franceses atrai-os prontamente para as regiões do Rio Vermelho e de Mekong: em 1859, Saigon foi bruscamente ocupada; desse ano até o de 1875 completava-se a conquista da Cochinchina; o período de 1872-1895 bastou, por outro lado, para que as duas partes restantes do Viet-Nam (o Anam e o Tonquim) também caíssem nas garras dos opressores europeus.

Assim, ao nascer o século XX, a bandeira desonrada da França flutuava sobre o solo vietnamita juncado por milhares de seus filhos.

A NAÇÃO INDOMAVEL

Mas a resistência nunca terminou. Desenvolveu-se a princípio em torno dos próprios homens do velho regime, que não tinham abdicado da honra nacional: imperadores, como Nam Nghi, literatos, como Fan De Fung, e generais como Hoang Hoa Thuan.

No começo do século um sópro de reforma animou a resistência. Como em outros países do Oriente, ganham corpo as teorias da "occidentalização" e do terrorismo. A "Escola de Tonquim" proclamando que o meio de alcançar a libertação era obter, primeiro, o domínio da cultura e da ciência ocidentais levou os intelectuais a devorarem avidamente os livros europeus procurando neles a solução ameadada. A mão de ferro dos franceses demonstrou bem cedo que era um sonho falaz a espera passiva da "occidental-

zação": em 1908, os colonizadores prenderam e decapitaram centenas de intelectuais, juizes, professores e quadros administrativos partidários da Escola de Tonquim.

Agora, eram o terrorismo e os levantes desesperados que dominavam entre os partidários da libertação, impulsionados pela "Liga pela restauração do Viet-Nam". Essa é a época das revoltas de Yen Bay e de Hanoi (1914); de Monca, no Tonquim e no Laos (1915); a época do ataque a Saigon e da insurreição de vinte províncias da Cochinchina (1916) e, finalmente, a época do levante das tropas de Monca (1917), acompanhado de violenta insurreição que exigiu sete meses para ser extinguida.

Durante a primeira grande guerra, para assegurar-se a colaboração local, os franceses tudo prometeram conceder aos vietnamitas, quando terminasse a conflagração que, aliás, possibilitara o desenvolvimento da média burguesia e a fundação de alguns estabelecimentos industriais.

A burguesia local, que se desenvolvera com a primeira guerra mundial, prejudicada pela metrópole, tomava também seu caminho particular, embrenhando-se no nacionalismo burguês. Fundou-se, então, o Partido Nacionalista, ainda existente, e que, assim como os movimentos anteriores não pôde conquistar a libertação nacional. A tática era a mesma anterior: os atentados terroristas e as revoltas esparsas.

A LUZ DE OUTUBRO

A Grande Revolução Socialista de Outubro despertara, porém, os mais esclarecidos.

Ao mesmo tempo, do próprio desenvolvimento do capitalismo, gerara-se a classe dos proletários, a única realmente capaz de tomar em suas mãos robustas a bandeira da liberdade que a burguesia deixava cambalear.

Como em todo o mundo, as salvas da Revolução Soviética haviam despertado o povo para novos empreendimentos.

ITINERARIO DE UM REVOLUCIONARIO

Ho Chi-Min estava entre os revolucionários atraídos pelos feitos dos bolcheviques russos. Seu pai fora um destacado intelectual da corte do imperador Duy-Tan. As atividades anti-francesas que desenvolveu levaram-no à prisão perpétua, juntamente com um filho. Mas Ho, então apenas com 19 anos, escapou à polícia e fugiu para a França, como marinheiro, e viajou por muitos outros países, entre os quais o Brasil.

Essas viagens apuraram sua percepção do mundo e deram-lhe um domínio completo sobre linguas estrangeiras, apurando pelo estudo e a permanência em várias regiões da terra. Ho Chi-Min fala fluentemente inglês, francês, russo, chinês, japonês, siamês, malaio e vietnamita.

Em Paris, Ho Chi-Min conheceu Charles Longuet, genro de Carlos Marx, que o aconselhou a escrever no "Le Populaire", órgão do Partido Socialista Francês. Durante os anos de sua vida em Paris, Ho desenvolveu febril atividade política. Fundou então, em 1920, a União Inter-Colonial e editou o jornal "Parade" logo proibido pela polícia. Quando, no Congresso de Tours, de que participou, deuse o choque entre os elementos revolucionários do Partido Socialista que sustentavam a linha da III Internacional e de Lênin, Ho Chi-Min sustentou as posições revolucionárias e, ao lado de Marcel Cachin, Vaillant Couturier e tantos outros, foi um dos fundadores do glorioso Partido Comunista Francês.

Perseguido pela polícia francesa, passou à União Soviética e dali seguiu para Cantão, para ajudar o trabalho da frente revolucionária presidida pelo dr. Sun Yat-Sen, e apoiada pelos comunistas. Durante quase dez anos permaneceu na China, perseguindo por todas as polícias do mundo. Nesse período organiza a "Associação Revolucionária da Juventude do Viet-Nam" e a "Associação dos Povos Oprimidos da Ásia", unindo vietnamitas, chineses, coreanos, indonésios, malaios e outros povos.

A VOLTA À PÁTRIA

Após uma rápida passagem pela Tailândia (Sião), regressa à pátria que nunca abandonara no seu íntimo. Já é então um revolucionário provado e experiente, com sólidos conhecimentos teóricos e longos anos de trabalho prático.

Naquele momento, os três principais grupos revolucionários de base marxista tratavam de fundir-se. No Congresso do qual nasceu o Partido Comunista da Indochina, é de janeiro de 1930, dois grandes vultos se destacam: Nguyen Ai Quoc e seu fiel colaborador Le Ong Phong, mais tarde preso e fuzilado pela reação (1939-40).

Buscando auxílio material para a luta comum contra os invasores. Ho dirigira-se por esta época a Chungking. Mas, tão pronto penetrou na China, foi preso durante 14 meses ne-

UM MARCO HISTÓRICO

A fundação do Partido Comunista da Indochina constitui um marco divisorio na luta pela libertação do Viet-Nam.

Dai em diante, unido em seu partido de classe, o proletariado é, de fato, o dirigente combativo e a vanguarda experimentada de todo o povo. Sob a inspiração dos comunistas começa a fundir-se, num bloco cada vez mais sólido, a grande frente patriótica que mais tar-



Ho Chi-Min, líder que rido do vietnamita

de lançará definitivamente por terra os dominadores estrangeiros e seus sustentáculos nativos.

Mas a luta era longa e difícil. Em 1931, Ho Chi-Min foi preso pela polícia britânica em Hong Kong e os franceses reclamaram imediatamente sua extradição. Não há a menor dúvida sobre o destino que lhe reservavam. Salvou-o, após seis meses de prisão a solidariedade internacional e a do povo do Viet-Nam, manifestaram em amplos movimentos de massa.

Burlando a polícia, continua a agir como um dos líderes mais destacados do movimento revolucionário de libertação que vai demonstrar novo impulso no período de 1934 a 1937.

Sua história posterior, é a história de libertação de sua pátria.

NA II GRANDE GUERRA

Ao iniciar-se a segunda guerra mundial, os comunistas vietnamitas e o grande líder do povo, Ho Chi-Min, demonstraram mais uma vez sua alta tempera revolucionária. Fiel aos interesses de toda a humanidade propuseram, desde julho de 1940, a união de todas as forças francesas e vietnamitas para resistir à invasão japonesa. E isso no próprio momento em que os partidários de Vichi entregavam o país à dominação nipônica.

Revoltado pela conveniência francesa para com seus principais inimigos e exasperadas pela fome, as populações da Cochinchina e do Oeste levantaram-se em 1940, sofrendo bestial repressão. Mas, na montanhosa província de Cao Bang, os remanescentes da furiosa matança encontraram refúgio e alento junto a Ho, que de lá comandava a resistência.

Buscando auxílio material para a luta comum contra os invasores. Ho dirigira-se por esta época a Chungking. Mas, tão pronto penetrou na China, foi preso durante 14 meses ne-

las forças de Chiang Kai Chee e submetido a bárbaras torturas.

Não se deixou abate seu ânimo. Em maio de 1941 funda o Viet-Min, nome abreviado pelo qual se conhece a "Liga pela Independência do Viet-Nam" frente única contra o fascismo e a dependência.

A via da libertação desce, pouco a pouco, das montanhas do norte para as regiões médias e delta do Tonkin. Havia que enfrentar, para isso, os esforços combinados dos an-

O saque francês fora desenfreado e atroz.

Desse país de cerca de 22 milhões de habitantes, com apenas 350.000 quilômetros quadrados, os franceses retiravam lucros fabulosos. O Banco da Indochina, apenas no período 1934-1944, alcançara um lucro líquido de 550 milhões de francos, para um capital de apenas 120 milhões, isto é, em apenas dez anos multiplicara quatro vezes o capital.

Essa organização financeira apossara-se de todas as riquezas do país: do carvão (por meio da empresa Charbonnages du Tonkin), do estanho, volfrâmio, níquel e ferro, em sociedade com os grupos Wandel e Rotschild; a eletricidade, a borracha, a cana de açúcar, o chá, a exportação de arroz, os transportes e os serviços públicos, tudo estava em suas mãos.

Os lucros fabulosos do Banco e das companhias a ele associadas haviam reduzido o país à miséria total e votado o povo à mais negra ignorância.

A porcentagem de analfabetos era de 85%, mas em muitas regiões atingia até a 100%. Em compensação, havia três prisões para cada escola e dez antrós de ópio e álcool para cada centro de estudo.

A fome ceifava impiedosamente. Apenas nas regiões do Norte haviam morrido, em 1944-45, dois milhões de pessoas, porque os viveres foram arrebatados pelas autoridades japonesas, e os diques estavam destruídos. Enquanto isso, 75% das terras concentravam-se em mãos dos latifundiários.

O PODER POPULAR EM AÇÃO

Dirigido pelo presidente Ho, chefe de governo provisório saído da insurreição de agosto, e desde começo de 1946, presidente eleito, o povo pôs-se imediatamente em ação para restaurar o país devastado e levá-lo à prosperidade.

O primeiro decreto instituiu o sufrágio universal elegendo-se os comitês populares nas cidades e aldeias.

Para combater a fome, adotaram-se medidas drásticas de economia, ao mesmo tempo, que mediante o heróico trabalho voluntário, reconstruíam-se os diques arrasados e distribuíam-se as primeiras terras aos camponeses pobres. Com essas medidas, pela primeira vez na história do país, a safra de 1954-1946 foi bastante para todos.

Atacou-se a inflação, reformou-se num sentido democrático o sistema de impostos e proibiu-se a venda do álcool e do ópio, que tinham sido poderosas armas de degradação usadas pelos colonizadores.

O presidente Ho, em nome do governo, lançou sem tardança uma grande campanha pela alfabetização de todo o povo. Utilizando a escrita moderna, com caracteres romanos, pelo aproveitamento de um sistema inventado por padres portugueses no século XVI, foi possível em poucos anos extirpar a ignorância e fazer do Viet-Nam um país altamente alfabetizado.

Processa-se a reforma agrária e no próprio fogo da luta amplia-se a frente de libertação.

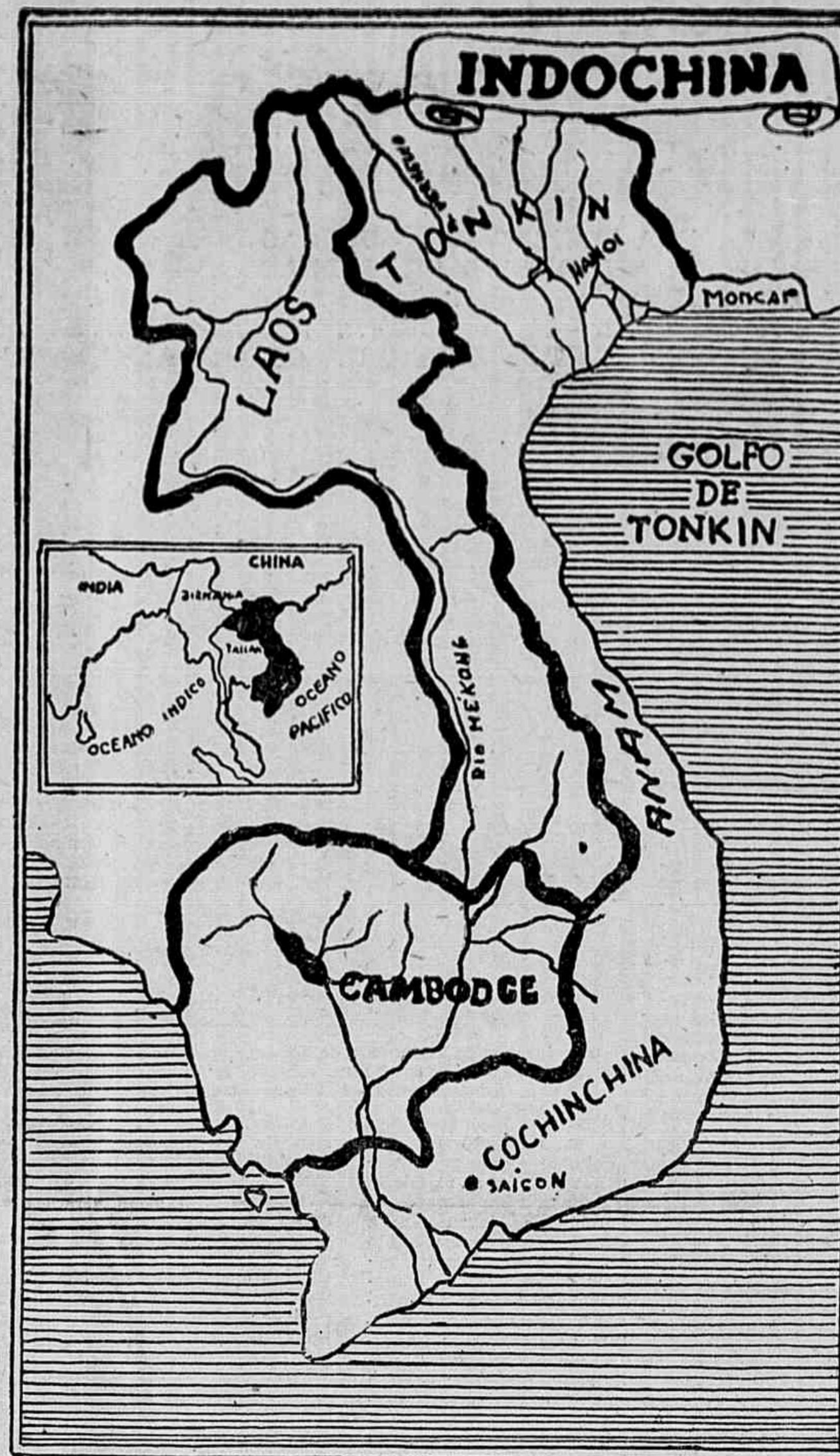
Em face da nova invasão estrangeira, constituiu-se a União Nacional do Viet-Nam, em 1946, conhecida como Lin Viet. Todas as forças democráticas, inclusive o Viet-Min participam desta nova frente. Um passo decisivo foi compreendido pela vanguarda do povo em 1951, quando foi fundado o Partido do Trabalho (Lao-Dong) que é o partido dos comunistas.

Com essas medidas, há hoje em dia todas as condições para cumprir as principais tarefas que são: conduzir a Resistência à vitória; desenvolver o regime democrático popular; contribuir para a defesa da paz e marchar para o socialismo.

A essência do novo regime penetrou na alma do povo, e o torna invencível diante dos vândalos imperialistas.



Estes são os métodos empregados pelos colonialistas nas terras ainda ocupadas! Os patriotas que lutam pela independência são massacrados e decapitados impiedosamente



A GUERRA MUNDA

A paz foi efêmera. Não tinha sido por culpa dos banqueiros que ela se impusera e eles tudo fariam agora para pô-la abaixo...

A 6 de março de 1946 eram assinados os acordos entre o presidente Ho Chi-Min e o representante francês. Esses acordos reconheciam a República do Viet-Nam como um Estado Livre. A firme política de paz do governo vietnamita abriu, assim, as premissas de relações baseadas no respeito mútuo e na igualdade. Mas os franceses, apesar dos protestos dos comunistas violou os acordos.

Para evitar um conflito, Ho Chi-Min viajou pessoalmente para a França. Não desembarcava, porém, e já um almirante francês reconhecera, apressadamente, um governo títere que ele próprio tirara de sua bagagem de intrigas. A insistência de Ho Chi-Min, seu fato político, o apoio decidido do Partido Comunista Francês e a ampla luta de massas evitaram, mais uma vez o rompimento das negociações: obteve-se o modus vivendi de 14 de setembro de 1946.

Para os franceses tantos documentos assinados destinavam-se somente a enganar o povo, e a distrair a atenção dos vietnamitas. Reiniciam-se massacres coloniais em novembro e dezembro. O ataque a Hanoi, a 19 de dezembro, ergueu todo o povo do Viet-Nam para a justa guerra de libertação imposta pelos inimigos da paz.

Quem ganha com essa luta na qual perece há anos a mocidade da França e do Viet-Nam? Ganham os generais negociistas e os fantoches a Bao Dai, imperador do Viet-Nam sob os franceses. Ganham os mesmos bancos franceses que elevaram ainda mais seus lucros fabulosos. Ganham, sobretudo, os grandes monopólios americanos que fornecem as armas, elaboram os planos de combate e, na penúria em que se exaure a França, cultivam novos empréstimos. Os povos perem.

A guerra do povo do Viet-Nam não é uma guerra isolada. Em primeiro lugar, está ligada à luta dos povos da Indochina e é o aspecto principal da mesma batalha que travam os povos do Camboja e do Laos, unidos estreitamente aos vietnamitas. Em segundo lugar, faz parte da luta de todos os povos asiáticos que, ao exemplo da China, quebram as cadeias seculares da opressão. Em terceiro lugar, é parte integrante da luta de todos os povos pela paz e a independência nacional, que tem o anparo do campo democrático.

Essas três condições lhe asseguram a vitória. A bandeira estreada do Viet-Nam não arriará no combate. O campo da paz que derrotou o imperialismo lanque na Coreia vende-se novamente se ele usar levantar avante seus fantásticos planos de conquistar o Viet-Nam para atacar a China.

A PAZ ESTÁ A NOSSO ALCANCE

Mas é possível e necessário extinguir um foco de guerra que pode alastrar-se perigosamente e que já consumiu centenas de milhares de vietnamitas além de 250.000 expedicionários do imperialismo.

As lutas de nosso povo não estão isoladas de que se passa no mundo. Não se trata apenas da solidariedade internacional mas, também, da defesa de nossa própria existência, ameaçada pelos mesmos imperialistas lanques. Duas vezes, apenas neste mês, o presidente Ho ofereceu a solução justa e necessária: a retirada dos intervencionistas e o reconhecimento independente de sua pátria.

Ho Chi-Min, poeta e soldado, estadista e dirigente revolucionário declarou muitas vezes no decorrer de sua luta patriótica: «Nossa resistência vencerá porque é uma guerra justa, apoiada por todo o mundo».

Esse mesmo apoio é indispensável para alcançar a paz. Ela será obtida se atendendo ao apelo da Federação Sindical Mundial, os trabalhadores e o povo de nosso país se unirem fraternalmente a seus irmãos de outros continentes, congregados sob a palavra de ordem CESSAR FOGO IMEDIATAMENTE NO VIET-NAM!

A Luta Pelo Abono Nas Empresas Derrotará o Governo e os Patrões

DESMASCARADA A MANOBRA DO GOVERNO E A POLITICA DIVERSIONISTA DE VARGAS CONTRA O POVO TRABALHADOR — O ABONO DE NATAL, UM DIREITO LEGITIMO, UMA FORMA DE AUMENTO DE SALARIO E DE LUTA CONTRA A CARESTIA — A UNIDADE DE AÇÃO ATRAVÉS DOS SINDICATOS E ASSOCIAÇÕES LEVA A VITORIA OS TRABALHADORES EM LUTA

MILHOES de brasileiros, entra ano sai ano, depois de 12 meses de trabalho, barbaramente explorados pelos patrões e pelo governo, vêem-se na prática privados de participar das festas de Natal e Ano Novo, em consequência dos baixos salários e do encarecimento espantoso de custo de vida. Por isso a reivindicação do Abono de Natal tem, todos os anos, um imenso poder mobilizador dos trabalhadores de todas as profissões, incluindo o funcionalismo público civil e militar, que conta com vastos setores operários como marítimos ferroviários, etc.

Será o Abono de Natal uma dádiva dos patrões e do governo? Não. O Abono de Natal é um direito consagrado pela tradição, é uma conquista que os trabalhadores têm arrancado à custa de duras lutas. O Abono de Natal é uma forma de aumento de salário e tem o caráter, também, de uma devolução, embora insignificante, da fabulosa riqueza criada todos os anos pelos trabalhadores e amealhada pelos patrões sob a forma de lucros. O Abono é uma reivindicação perfeitamente legítima e tanto isto é verdade, que em toda parte foi conquistado sempre que os trabalhadores souberam organizar-se para pleiteá-lo lutando nas empresas em entendimento direto com os patrões e através dos sindicatos, realizando paralisações e greves, partindo às vezes de simples memoriais dirigidos aos empregadores com a assinatura de todos os interessados.

O GOVERNO — INSTRUMENTO DOS PATRÕES

Este ano a campanha pelo Abono de Natal vem procurando aproveitar em parte a experiência das grandes lutas ultimamente travadas e que foram vitoriosas. Em São Paulo, no Distrito Federal, na Paraíba, em Petrópolis, esboçou-se a formação de frentes de luta mais poderosas, com os pontos inter-sindicais.

Esta movimentação forçou o governo de Vargas a arrancar a máscara de sua demagogia «trabalhista» e a apresentar ao Estado feudal-burguês com sua verdadeira face de instrumento dos patrões e não próprio como o empregador mais reacionário.

Tudo fizeram os homens do governo no sentido de diversionar a luta dos trabalhadores, para anular o movimento de unidade de ação esboçado nos sindicatos e que contou desde logo com o apoio de numerosas entidades dos funcionários públicos, tanto civis quanto militares e inativos, unidos pela União Nacional dos Servidores Públicos.

Ao mesmo tempo, o governo de Getúlio, por intermédio do líder do P.T.B. Capanema, tudo fez para torpedear o projeto Gurgel de Amaral sobre o Abono. Todas as calúnias usadas pelos patrões e o governo, de que os aumentos de vencimentos são a causa da carestia, de que a obrigação de conceder o Abono é um atentado à iniciativa particular etc., foram mo-



A concentração da Esplanada do Castelo, operários fabris, trabalhadores das empresas da União e outros setores do funcionalismo, foi um vigoroso protesto contra a política de estomamento de Vargas que lhes negou o Abono de Natal

bilizadas e lançadas, pela imprensa de aluguel. Deformando desonestamente e vergonhosamente a realidade, os agentes de Vargas no Parlamento inventaram a cifra absurda de um bilhão e meio de cruzeiros que seriam necessários ao pagamento do Abono. Na realidade, conforme demonstraram os líderes dos funcionários, bastariam 600 milhões para atender à justa reivindicação e essa quantia é pouco mais que o dobro do dinheiro consumido em negociações com a Última Hora, órgão da demagogia getulista... E essa negativa que através da maioria subserviente parlamentar torpedeou o projeto de Abono, vem ao mesmo tempo em que um dos opositores do projeto, o deputado Alde Sampaio, defendeu com unhas e dentes o indecoroso projeto de perdão das dívidas dos tubarões para com a Fazenda Pública. É uma dívida de mais de três bilhões de cruzeiros relativos ao imposto de renda que Vargas pretende perdoar de mão beijada.

São para mais de dois milhões de pessoas entre marítimos, ferroviários, funcionários burocráticos, os servidores públicos e suas famílias, a quem Vargas nega o direito de passar um fim de ano menos miserável. São milhões de trabalhadores de tantas profissões a quem os patrões negam a migalha de um Abono, como se isso fosse levá-los todos à falência...

O CAMINHO DA LUTA

Getúlio já teve ocasião de sentir a grande força do proletariado em lutas vitoriosas graças à unidade de ação. Foi o grande exemplo das greves de São Paulo e dos marítimos. Daí os seus esforços desesperados em impedir que as massas trabalhadoras se organizem e, armadas por essa unidade lutem através dos pactos sindicais forçando o governo e os patrões a uma derrota inevitável. Por isso, através do seu ministro

João Goulart e outros diversionistas do Ministério do Trabalho, através do Parlamento e da imprensa capitalista, Getúlio procura manobrar e impedir a unidade de ação antes que os debates nos sindicatos se traduzam em lutas de massas dentro das empresas.

Este é que é o caminho — levar a luta pelo Abono, através dos sindicatos, para dentro das empresas, com a eleição de comissões, a redação de memoriais, e com entendimentos diretos com os pa-

trões marcando prazos determinados para o pagamento do Abono.

Na grande concentração de protesto diante da Câmara, de que participaram trabalhadores e líderes de diversas profissões essa idéia da unidade de ação levando a luta para dentro das empresas foi calorosamente aplaudida. Isto porque esta idéia corresponde precisamente às melhores experiências de luta dos trabalhadores pelo aumento de salário, pelo Abono e outras reivindicações.

UMA EXPERIENCIA POSITIVA

Uma boa experiência da atual campanha nesse sentido, foi a dos trabalhadores da Construtora D. Lerner, no Distrito Federal. A hora do almoço, os trabalhadores se reuniram conversando sobre o abono e a carestia da vida. Surgiu depois a sugestão para que se reunissem todos os empregados da obra para discutir dois pontos de grande importância: o Abono e as eleições no Sindicato. Da animada reunião, foi tirada uma comissão encarregada de elaborar um memorial, o qual, aprovado em reunião seguinte, foi por todos assinado e entregue aos patrões com um prazo para resposta. Ao mesmo tempo continuam os trabalhadores a debater a questão do abono e estão prontos a tomar as atitudes que mais convierem conforme a resposta do patrão. Eis um exemplo real e vivo de como conduzir a luta pelo abono, e que somando-se em milhares de ações semelhantes levará de vencida os inimigos do povo trabalhador.

É POSSIVEL CONQUISTAR O ABONO JA

O governo de Getúlio, servidor dos patrões, tentou até agora desviar os trabalhadores do caminho da luta, procurando alimentar ilusões no Parlamento o qual, como vimos obedece docilmente às ordens do Catete. Agora, que o Parlamento negou o Abono, o governo e a imprensa de aluguel procuram apresentar a negativa da justa reivindicação, como um fato consumado e irremediável. Procura, inclusive, salvar a responsabilidade principal do governo.

Mas o mesmo não pensam os trabalhadores e seus legítimos líderes, nem podem com isso iludir-se os dirigentes sindicais honestos. A experiência sempre ensinou que o governo e os patrões, bem como esse Parlamento que aí está, só se mexem e admitem os direitos populares quando estes direitos são conquistados antes de tudo nas empresas e nas manifestações das ruas e sindicatos, só se mexem sob o ferrão das lutas organizadas e unitárias das massas.

Na maioria das empresas, quer particulares, quer do governo, há todas as condições para a imediata conquista do Abono, se os trabalhadores tomam em suas mãos essa reivindicação e, apoiados pelas suas organizações de classe, marcham unidos para realizar ações mais energéticas, recorrendo inclusive a paralisações e greves, para garantir o direito de participar das festas do fim do ano. Se os trabalhadores mais combativos, particularmente os comunistas tomam a iniciativa na luta pelo Abono, apoiando-se em seus sindicatos, obterão êxitos seguros e imporão mais uma derrota à política patronal e anti-operária de Vargas, João Goulart e companhia.

RESPONDENDO AO LEITOR:

A Burguesia Nacional e a Frente Única

Perguntou o leitor Ernani R. Vasconcelos, de Nova Iguaçu, Estado do Rio: «Em que consiste a parte da burguesia brasileira que participa da frente-única contra o Imperialismo?»

RESPOSTA — A burguesia brasileira, dada a circunstância de ser o Brasil um país semi-colonial e semi-feudal, oprimido pelo imperialismo e pelas sobrevivências feudais, não é uma classe homogênea, que defenda, toda ela, os mesmos interesses econômicos e políticos. Ao contrário, a burguesia do nosso país é uma classe dividida.

De um lado está a grande burguesia que, juntamente com os latifundiários, se acha associada ao imperialismo — particularmente o imperialismo norte-americano, — na exploração desenfreada dos trabalhadores e na pilhagem sistemática de nosso país. Esta parte da burguesia é uma força contrarrevolucionária. Ela vive na completa dependência econômica do imperialismo e tem seus interesses estreitamente ligados ao latifúndio. Por isso tudo faz para que se mantenha o Brasil na sua condição atual, de país semi-colonial e semi-feudal, e concorre para sustentar no poder o governo de Vargas.

Do outro lado está a burguesia nacional, formada pelos pequenos e médios industriais e comerciantes, não ligados ao imperialismo. A burguesia nacional, embora de modo vacilante e inconsequente, está interessada na elevação do nível aquisitivo do povo; no desenvolvimento industrial do Brasil e na remoção dos obstáculos que o dificultam, como o monopólio da energia elétrica pela Light e a Bond and Share; na extinção das sobrevivências feudais no campo, para que as massas camponesas passem a influir ativamente na vida econômica do país; na ampliação do comércio exterior, através do estabelecimento de relações com os países do campo do socialismo e a conquista, graças a isso, de novos mercados consumidores para os nossos produtos de exportação, e fornecedores de máquinas e matérias-primas indispensáveis à indústria, em condições mais vantajosas do que as impostas pelos monopolistas norte-americanos.

Contra estes interesses, de caráter progressista, colocam-se encarnadamente o imperialismo e seus sustentáculos internos — os latifundiários e a grande burguesia — cuja expressão política é o governo de Vargas. O imperialismo e seus agentes no Brasil sufocam o desenvolvimento da indústria nacional, mantêm os restos feudais e o monopólio da terra, acentuando cada vez mais a extrema miséria das massas camponesas, e tudo fazem para conservar o nosso comércio exterior sob o controle asfixiante dos monopólios estrangeiros, especialmente dos Estados Unidos como a Sanbra e a Anderson Clayton. Além disso, é cada vez mais ruínoza para a burguesia nacional a concorrência que lhe fazem as empresas imperialistas, sobretudo norte-americanas, quer na indústria como no comércio sob a descarada proteção do governo.

Numerosos atos do governo de Vargas revelam claramente essa contradição de interesses e comprovam que este governo é o mais solícito defensor dos monopolistas ianques. Dentre estes atos destaca-se, por último, o ignóbil «esquema Aranha», que tem sido objeto de comentários em nossas edições anteriores.

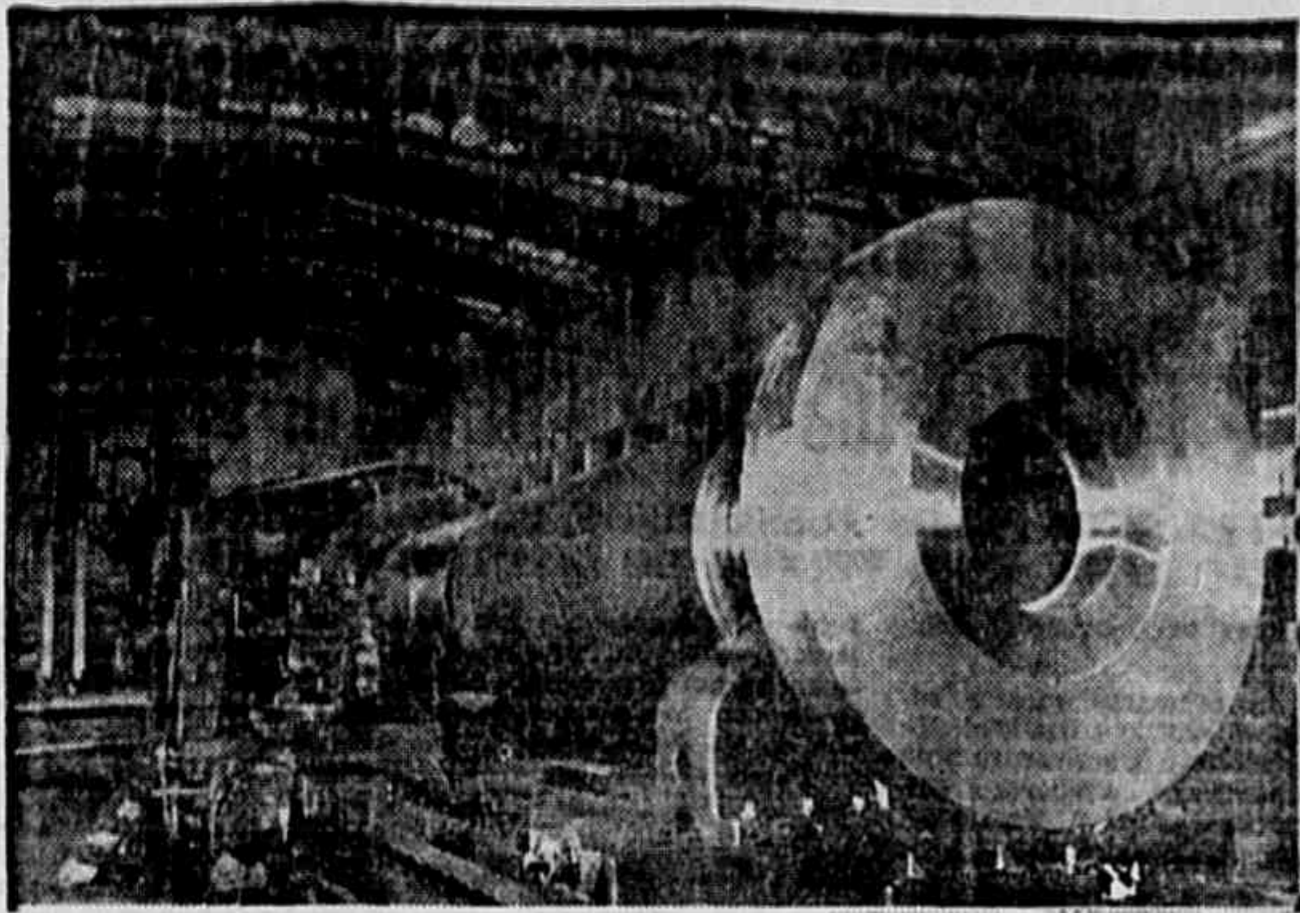
Portanto, para que sejam atendidos os interesses da burguesia nacional é necessária que o nosso país se liberte tanto da dominação imperialista como da opressão dos restos feudais no campo. E que seja substituído o governo anti-nacional e anti-popular de Vargas por um governo democrático de libertação nacional.

Isto significa que, na atual etapa da revolução, anti-imperialista e anti-feudal, sem tocar nas bases do capitalismo, a burguesia nacional desempenha, até certo ponto, um papel progressista e democrático, que seria erro não levar em conta. Por isso mesmo, não deixando de ser burguesia — isto é, classe exploradora — nem deixando de ser vacilante e inconsequente, mesmo na defesa de seus interesses de classe, a burguesia nacional deve ser incluída na Frente Democrática de Libertação Nacional, Campanha como a defesa da indústria e das riquezas Nacionais, especialmente o petróleo, contra o raciocínio de energia e pela encampação da Light e da Bond and Share, pelo reatamento de relações com a URSS e as democracias populares, etc. — campanhas estas dirigidas pelo proletariado e seu partido de vanguarda, o Partido Comunista — indicam já uma certa participação de setores da burguesia nacional na luta contra a dominação imperialista de nosso país. Esta participação pode e deve ser muito maior do que é na atualidade.

O fato de que a burguesia nacional participa, ao lado e sob a direção da classe operária, da frente única anti-imperialista e anti-feudal, não pode nos levar a esquecer que o proletariado, além dos objetivos democráticos gerais, tem seus objetivos de classe particulares, suas reivindicações econômicas e seus direitos, pela conquista ou consolidação dos quais deve lutar com toda a energia. Na intensificação da luta de classes está o meio mais eficaz e provado de diminuir, por pouco que seja, as vacilações e inconseqüências da burguesia nacional e impedir que ela procure resolver as suas dificuldades à custa da classe operária.

A participação da burguesia nacional na frente única anti-imperialista e anti-feudal é, enfim, um fator de maior poder das forças da revolução democrático-popular e de maior debilitamento das forças do imperialismo e seus sustentáculos nos países. É nosso dever cooperar com toda e qualquer força

democrática, progressista e patriótica capaz de participar na luta pela independência nacional, pela paz, pelas liberdades democráticas e por um governo democrático de libertação nacional.



A indústria pesada soviética é capaz de produzir máquinas e peças de todos os tipos. Aqui, um gigantesco eixo de turbina, o maior construído no mundo até hoje



Na fábrica de máquinas-ferramentas Krasni Proletari de Moscou, o operário M. Baikov obteve magníficos êxitos na produção; experimenta e ajusta os tornos universais, saídos da cadeia, 8 vezes mais rápidos que o previsto na norma. O stakanovista M. Baikov, transmite sua experiência a S. Neverov e L. Svozniov, operários da oficina de montagem nº 1

A UNIÃO SOVIÉTICA E DEMAIS PAÍSES DO CAMPO SOCIALISTA, DESDE 1952, MOSTRARAM-SE PRONTOS A FORNECER MÁQUINAS, TRIGO E PETRÓLEO, MEDIANTE PAGAMENTO EM CRUZEIROS — UM COMÉRCIO SEM DÓLARES, SEM CEXIM, SEM IMPOSIÇÕES



O REATAMENTO DE RELAÇÕES COM A UNIÃO SOVIÉTICA, UMA GARANTIA DE QUE A PETROBRAS NÃO FICARÁ NO PAPEL — COM O «ESQUEMA ARANHA» GETULIO MANOBRÁ CONTRA O REATAMENTO — MAS A LUTA DE TODOS OS PATRIOTAS IMPORÁ A VONTADE DO POVO

O BRASIL PODE PAGAR EM CRUZEIROS...

Multiplicam-se, em todo o país, as manifestações patrióticas exigindo o imediato reatamento de relações diplomáticas e comerciais com a União Soviética. Nas manifestações dos economistas — em artigos, conferências, entrevistas — nas assembleias dos sindicatos operários, nas reuniões de industriais e comerciantes, nas organizações populares, nas entidades juvenis e estudantis, nas reuniões de camponeses, lavradores e pecuaristas — em toda parte os interesses da Nação fazem sentir e proclamar a necessidade do pronto restabelecimento das relações pacíficas de intercâmbio com o grande e florissante país do socialismo.

Particularmente, após a entrevista de Prestes que levou a todo o povo a compreensão dos imensos benefícios do reatamento de relações com a URSS para a nossa pátria e sua imensa significação para o desenvolvimento independente da indústria nacional, esse movimento ganhou um mais vigoroso impulso e acabará necessariamente por fazer valer os interesses nacionais do Brasil e a vontade do povo, malgrado a resistência dum governo de obediência norte-americana, como é o governo de Getúlio Vargas.

Um «argumento» Sem base na realidade

Alguns homens de governo, inclusive o sr. João Alberto, alegam que não tem sentido prático o reatamento de relações comerciais com a U.R.S.S. pois ela não é consumidora dos nossos produtos exportáveis e seu mercado interno consome toda a produção. Isto não é exato.

Ninguém melhor do que o próprio governo e, no governo, o Itamarati, sabe que não é essa a realidade.

Existe e já foi divulgado um relatório da delegação brasileira à Conferência Econômica Internacional de Moscou, realizada em abril de 1952, no qual são relatadas as propostas vantajosíssimas feitas naquela ocasião pelos representantes autorizados dos países do campo do socialismo.

Há mais de um ano, portanto, sabe-se que os participantes brasileiros da Conferência Econômica de Moscou mantiveram entendimentos com entidades soviéticas. Em seus entendimentos com a «Exportkhleb» — organização soviética para o comércio de cereais —, a delegação brasileira recebeu propostas de negócios de trigo em quantidade da ordem de 200 mil toneladas, inicialmente. Os soviéticos podem fornecer-nos, também cimento, carvão, gasolina e outros produtos do petróleo, máquinas para a indústria manufatureira, equipamentos para a indústria petrolífera, máquinas agrícolas, etc.

Quer dizer — a URSS dispõe de excedentes para comerciar conosco, dispõe de produtos que necessitamos.

No mesmo relatório está dito que a URSS está disposta a examinar TODAS AS NOSSAS PROPOSTAS de negócio, e DESDE JÁ desejaria assegurar-se da possibilidade de COMPRAR-NOS CAFÉ, CACAU, ARROZ, COUROS, LÃ e ALGODÃO. Quer dizer — a URSS está pronta para estudar qualquer proposta brasileira para a

aquisição imediata e absorção pelo seu imenso mercado consumidor exatamente dos produtos exportáveis de que dispomos.

Não precisamos de dólares, podemos pagar em cruzeiros

O fantasma do comércio exterior do Brasil, como de todos os países subjugados por Wall Street, e a falta de moeda forte, a falta de divisas, a falta de dólares.

Com o cruzeiro, com o dinheiro brasileiro, não se compra atualmente no estrangeiro nenhum grão de trigo, nenhuma gota de petróleo. E' preciso ter dólares. E para ter dólares entrega-se aos americanos tudo o que possuímos e produzimos, as riquezas minerais e a produção agrícola por preços vis.

O resultado é o que se vê. Além da escassez de artigos essenciais para indústria, da falta de matérias primas indispensáveis, além de não podermos adquirir máquinas e tudo mais, vêm como consequência os controles do comércio exterior, as licenças de importação com suas inevitáveis negociações, roubalheiras e escândalos como este último da Cexim, que indigna toda a nação.

Pois bem: quando dos entendimentos por ocasião da Conferência de Moscou, os representantes brasileiros discutiram a questão da falta de divisas, verificaram que não só a União Soviética, mas também a Polônia, a China, a República Democrática Alemã, a România, a Hungria e a Tchecoslováquia estão dispostas a negociar com base no próprio cruzeiro — base no dinheiro

brasileiro, mediante conta aberta no Banco do Brasil.

A propósito, a União Soviética mostrou estar em condições de fornecer para pronta entrega equipamentos para extração e refinação do petróleo, conforme os interesses do Conselho Nacional do Petróleo, sem a exigência do pagamento em dólar americano. Na mesma ocasião e nas mesmas condições foram oferecidos equipamentos para mineração de carvão, máquinas-ferramentas de todos os tipos, motores diesel e elétricos, caminhões, automóveis, locomotivas, tratores, altos-fornos, dragas, navios, barcos, guindastes e materiais para equipamentos de portos, geradores e turbinas para usinas termas a hidrelétricas, maquinas para a indústria cinematográfica, etc.

Para argumentar, detenhamo-nos apenas na questão do equipamento para a indústria petrolífera, agora que é evidente o esforço do imperialismo americano para torpedear a Petrobrás que não saiu de acedo com os desejos da Standard Oil graças à luta de nosso povo. E' evidente que o comércio com a URSS, em termos de cruzeiros, é uma sólida garantia para impedir que a Petrobrás fique no papel e os americanos continuem nos sugando o sangue a título de pagamento pela gasolina e derivados do petróleo que consumimos.

«Esquema Aranha», manobra contra o reatamento

Tais são os fatos. O governo não oferece e não pode oferecer nenhum argumento válido contra o reatamento

Obedecendo servilmente à advertência e sujeita-se vergonhosamente às imposições americanas. Entrega-se a manobras funestas como o famigerado «esquema Aranha». Procurando criar a ilusão de que como o leilão de dólares e demais manipulações ilegais e inconstitucionais do esquema Aranha se restabelecerá a ordem e se obterá o equilíbrio no comércio exterior tal como se faz no momento, isto é, sob o monopólio dos trustes americanos, o governo de Getúlio realiza mais uma de suas manobras contra a ampliação dos mercados, contra o reatamento de relações com a URSS.

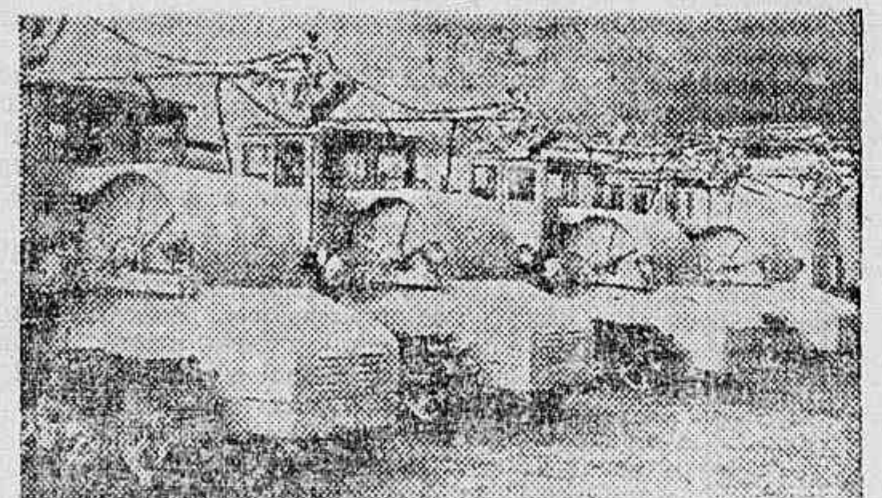
Diante dos escândalos da Cexim, Getúlio e Aranha apelam para a Caxex, que é a mesma Cexim com outro nome, assim como a antiga CCP foi rebatizada com o nome de Cofap. Mais e novas negociações, assim como vieram mais e novos aumentos do custo da vida.

Ninguém pode esconder que o «esquema Aranha» determina de imediato o encarecimento do custo da vida, prevendo-se novo e violento salto nos preços dos artigos

de primeira necessidade em janeiro próximo. Assim, os fatos demonstram que Getúlio prefere esfomear nosso povo, mergulhar o país numa terrível crise para não comerciar com a União Soviética.

É claro que essa política de cego e estúpido ódio ao País do Socialismo só traz os mais sérios e graves prejuízos ao nosso país. Responde, portanto, aos legítimos interesses nacionais a luta pelo reatamento de relações com a União Soviética. Os pronunciamentos e manifestações feitos até agora já mostram com vigor que a nação exige relações com o grande país de Lênin e Stálin. Mas a resistência americana encarnada no governo de Getúlio ainda não foi quebrada. E' preciso, pois, intensificar a luta, ganhar a praça pública, mobilizar amplamente as massas populares para atingir o objetivo patriótico.

Somente assim o nosso povo imporá a sua vontade. Pois Getúlio só se mexe quando é empurrado pelo povo.



Partida de tratores elétricos com subcentrais, fornecidos pela indústria soviética à estação de máquinas e tratores da Ribnoie, região de Biazin

Aderem à Convenção Pela Emancipação Nacional Os Lavradores e Pecuaristas da Zona Rural Carioca

QUARENTA DELEGADOS ELEITOS PELOS POSSEIROS E PROPRIETARIOS DA IMPORTANTE REGIÃO PARA A CONVENÇÃO DO DISTRITO FEDERAL



EM ANDRADINA

Cem Camponeses Dispostos a Resistir Contra o Despejo

Correspondência de Felisbino Monteiro

Existe em Andradina, entre muitos, o latifúndio da Companhia Cafeeira Noroeste, Fazenda Itapura, pertencente aos irmãos Nicolau e Tito Zalvos Filho. Doze mil alqueires é a extensão desse latifúndio que está destinado a transformar-se numa vasta pastagem, como aliás é a tendência geral nesta região. Mas mesmo para isso, os latifundiários são obrigados a certas despesas, pois mesmo os miseráveis 1.500 cruzeiros por alqueire eles ainda teriam que pagar só para derrubar o mato.

Mas estes latifundiários surgiram com uma manobra que muito apropriadamente pode ser chamada de «conto da terra», um verdadeiro conto do vigário. Explorando a situação de desemprego e de fome dos camponeses, criada pelos próprios latifundiários e pelo governo de Vargas, ofereceram com alarde um «contrato» fora do comum. Arrendaram a terra em matas e palhadas para arroz, por quatro anos, sem financiamento, a 1.000 cruzeiros o alqueire. Ora, mesmo representando uma verdadeira extorsão, esse contrato ainda era de certa forma vantajoso, tal é a escravidão em que vivem os camponeses e, por isso, apareceram logo os candidatos.

Os trabalhadores derrubaram o mato ou desbravaram as palhadas, fizeram suas casas cobertas de telhas na maloca, abriram poços, rasgaram estradas (carreadores), fizeram descoivamentos. Os que não queimaram bem as derrubadas. Plantaram, replantaram e, finalmente, cuidaram bem das lavouras, sem financiamento nem apoio do Banco do Brasil.

Mas os contratos não foram assinados. Baseados na boa-fé, os camponeses não se deram conta da armadilha que contra eles fora armada pelos latifundiários.

Recentemente, os arrendatários foram chamados e avisados de que os donos da terra haviam decidido plantar já e capim. Os homens compareceram em número de cem à sede da fazenda para essa terrível comunicação e, diante dos argumentos que apresentaram em defesa dos seus legítimos interesses, foram ameaçados de despejo.

Trata-se de um dos mais monstruosos roubos que se pode cometer contra os camponeses. Eles se deslocaram de outras zonas arcando com todas as despesas de mudança, consumindo todas as suas míseras economias. Enfrentaram o pesado fardo do primeiro ano de trabalho. Alimentavam a grande esperança de melhor rendimento no segundo ano de trabalho.

Agora, tudo o que construíram, as suas casas e todas as benfeitorias inclusive o desbravamento da região, tudo isto está ameaçado pelos algozes latifundiários. O plano sinistro dos latifundiários era precisamente o de conseguir de graça o desbravamento da região e a preparação da terra para o plantio do capim.

Há uma profunda revolta no coração daqueles homens simples, ameaçados por tão monstruoso roubo e pela deslealdade sem limites dos exploradores. Sabem ainda os camponeses que ao lado dos exploradores estará a justiça de classe do governo de Vargas, a qual só não os lesará por completo, se eles próprios, com suas próprias forças, não se levantarem em defesa dos seus direitos.

Sentem por isso uma necessidade imediata de se unirem para a resistência ao monstruoso roubo que contra eles planejam os latifundiários Nicolau e Tito Zalvos Filho, a fim de os obrigarem a cumprir o contrato combinado. Se assim o fizerem, certamente sairão vencedores.

A campanha preparatória da Convenção Pela Emancipação Nacional que se reunirá nesta Capital entre 15 e 19 de janeiro próximo registrou nos últimos dias duas importantes adesões e com elas, o expressivo encontro de dois importantes movimentos democráticos. De um lado, os lavradores e pecuaristas de Jacarepaguá e da Fazenda Coqueiros que aderiram à Convenção elegendo delegados à convenção do Distrito Federal que precederá o grandioso conclave de janeiro. De outro lado, acaba de aderir à patriótica iniciativa a Comissão Permanente do I Congresso Contra a Carestia, através de uma resolução em que diz:

«A luta pela imediata redução dos preços tem que passar do terreno da crítica e da denúncia dos aumentos para a análise política das causas da constante elevação do custo dos gêneros e utilidades».

De maneira prática e objetiva estes dois exemplos dão uma idéia da extraordinária amplitude do temário da Convenção Pela Emancipação Nacional. São os produtores de gêneros alimentícios da zona rural carioca assobrados por uma série de problemas, ameaçados pelos grileiros, lutando contra a escassez do «tremóido» (farelo e farelho para o gado), que pela falta de crédito e de segurança, vão sendo levados à ruína e vêm encarecer sem cessar o custo da produção. São, do outro lado, os trabalhadores, as vastas camadas médias das populações urbanas, em luta precisamente contra a carestia da vida e que agora, com as amplas perspectivas de debate abertas pela Convenção, vêm nesse encontro de opiniões, um meio eficaz para combater e analisar politicamente as causas profundas de sua afiliva situação.

É a idéia da Convenção Pela Emancipação Nacional, encontrando na vida corrente sua plena justificação e necessidade inadiável para que seja traçado um programa de ação comum de todas as forças progressistas visando a um futuro de prosperidade e bem-estar para o povo brasileiro.

UM AFLUENTE ENCONTRA O GRANDE RIO

Até hoje, os lavradores e pecuaristas da Baixada Fluminense vinham lutando tenazmente contra todas as tentativas dos grileiros protegidos pelo governo, a fim de manter a posse da terra que adquiriram por força de lei depois de a cultivarem durante muitos anos. Contavam, é certo, com a simpatia da população e o apoio incondicional da imprensa popular. Mas, sua luta estava na prática isolada e, por isso mais duros se tornaram os seus sacrifícios.

Uma situação nova surgiu, entretanto, para os lavradores e pecuaristas, a maioria dos quais integrada por posseiros, bem como para os assalariados agrícolas, arrendatários e outras camadas da população do sertão carioca, cerca de 400 mil pessoas. Eles estão chamados a formar entre outras camadas da população e de

biemas na Convenção Nacional.

As primeiras adesões se deram sábado e domingo últimos, com a assinatura por centenas de lavradores e pecuaristas, de um Manifesto que diz inicialmente:

«Atinge um limite de verdadeira calamidade o aumento do custo de vida no Distrito Federal, com reflexos altamente desastrosos, quer na zona urbana quer na zona rural.» Em seguida, mostra o Manifesto que o nome do campo é golpeado, profundamente, pela política de um governo incapaz, cheio de «corrupção e desmandos», que empurra o país para o abismo. Conclui em seguida, que «somente uma resistência efetiva, prática, continuada e crescente poderá pôr um limite a semelhante situação».

Em seguida, o Manifesto expõe um temário à base do temário da Convenção pela Emancipação Nacional, os mais importantes problemas locais, destacadamente o da legitimação da posse da terra pelos que a trabalham.

A luta dos lavradores e pecuaristas da zona rural carioca, que há tantos anos vinha se desenvolvendo isoladamente, toma assim um novo impulso pois, apoiando todas as forças que pugnam pelo progresso de nossa pátria, aqueles homens estão, antes de tudo, apoiando a sua própria luta.

É como um pequeno afluente que encontra o seu rio e vem engrossar a caudal imensa das lutas do povo brasileiro pela emancipação e o progresso.

RELAÇÕES COM A UNIÃO SOVIÉTICA

Partindo de uma importante reivindicação, a do barateamento e abundância dos resíduos industriais, principalmente o farelo e o farelho, destinados ao gado leiteiro, o Manifesto mostra como, na atual situação, o alto custo e a escassez desses produtos afeta os rebanhos e encarece o leite e seus derivados. Mostra que a causa desse desastroso fenômeno está no monopólio do comércio do trigo e na falta de cambiais para uma importação mais ampla do precioso cereal. Conclui que a única solução é a ampliação de nosso mercado externo com o reatamento de relações com a União Soviética, a China Democrática e outros países do Leste Europeu que podem fornecer com vantagem trigo em abundância para o Brasil. Trata ainda o Manifesto da produção de laranja praticamente liquidada pelas dificuldades criadas para os lavradores.

NEGOCIATAS

Mas há ainda outros sérios problemas como por exemplo a grande negociata da estrada que conduzirá a Recreio dos Bandeirantes, isolando a parte mais populosa e economicamente mais importante que é Vargem Grande. Isto para beneficiar o Banco do Crédito Móvel que é o maior grileiro da região e que possui mais de 50 milhões de metros quadrados de terra no sertão carioca. A negociata é feita com a

recusou a atender aos 2.000 lavradores e pecuaristas que tudo fizeram para que tal estrada não fosse construída. Mas agora, estão ameaçados de uma ruínosa falta de transportes.

A ELEIÇÃO DOS DELEGADOS

Todos esses problemas constantes do temário foram vivamente debatidos sábado em Jacarepaguá e domingo na Associação dos Lavradores de Coqueiros que, na ocasião, elegia sua nova diretoria. Em ambos os locais os representantes da Convenção foram recebidos com calorosa simpatia, sendo muito aplaudidas as palavras do prof. Amarillo de Alencar, do eng. Pedro Coutinho Filho, do dr. Eros Martins Teixeira e do radialista Rafael de Carvalho. O Manifesto que conta com adesão do vereador carioca Osmar de Rezende, foi subscrito por centenas de lavradores e pecuaristas. Em Jacarepaguá, a adesão à Convenção do Distrito Federal se deu durante uma festa na residência de um posseiro a que compareceram mais de duas centenas de lavradores e pecuaristas, sendo eleitos 21 delegados.

Em Coqueiros, toda a diretoria da Associação dos Lavradores locais que tem à frente o sr Teobaldo Ribeiro, foi eleita para a delegação à Convenção, com mais 5 membros de entidade, num total de 19 pessoas. Dessa delegação foi ainda escolhida uma comissão que auxiliará na preparação do importante conclave do Distrito Federal.

FEIRA EM BENEFÍCIO DA CONVENÇÃO

Está programada a realização de uma grande feira para a qual contribuirão todos os lavradores e pecuaristas de Jacarepaguá, cuja renda reverterá em benefício da Convenção do Distrito Federal. Idêntica iniciativa foi

tomada em Caxias onde se realizará uma feira ainda este mês com o mesmo objetivo. Desta forma, ganhando uma amplitude sem precedentes, a luta dos lavradores e pecuaristas da Baixada Fluminense entra numa fase das mais importantes. E se ampliará ainda mais, com a certa adesão de seus companheiros de Xerem, São Bento e outras regiões, que serão procurados pelos representantes da Convenção para que enviem também seus delegados ao grande conclave patriótico. O número de delegados ora existente em Jacarepaguá e na Fazenda Coqueiros será ainda acrescido com a eleição de novos lavradores e pecuaristas em reuniões que se estenderão por toda a zona, lançando as raízes da Convenção profundamente nas vastas camadas da população do campo.

Contribuindo com suas resoluções e teses, levantando a bandeira de suas reivindicações, os lavradores e pecuaristas da zona rural carioca estão contribuindo para a elaboração do programa patriótico de ação comum de todo o povo brasileiro para a luta pela emancipação nacional e o progresso do Brasil.

Esta experiência e a do movimento contra a carestia têm uma grande significação. Elas mostram que em todos os setores profissionais, esferas de atividade ou camadas sociais em que se luta por um interesse vital do povo, em que se combate pelo progresso do Brasil é possível e necessário unir e fundir essa luta com a Convenção Pela Emancipação Nacional. Assim, cada luta se reforça com o apoio das demais frentes. Da Convenção resultará um harmonioso programa de combate em que todos os interesses legítimos e patrióticos se entrosam e se apoiam mutuamente. Será feito enfim o feixe de varas que nenhuma força poderá quebrar e que será capaz de salvar o Brasil da escravidão imperialista, do caos e da ruína.

O TEMÁRIO DOS LAVRADORES E PECUARISTAS DA ZONA RURAL CARIOCA

SERÃO debatidos pelos assalariados agrícolas, arrendatários, posseiros e lavradores e pecuaristas em geral:

- O problema da produção com a fixação do homem à gleba, conforme os seguintes itens:
- 1.º — Desapropriação das grandes áreas e entrega àqueles que vivem da terra;
- 2.º — Regularização da situação do posseiro (mais de 60 por cento dos lavradores) atualmente em luta desigual e tenaz contra o «grileiro».
- 3.º — Revisão dos contratos de arrendamento altamente lesivos, por unilaterais, aos interesses dos lavradores e citadores, bem como a extinção do regime da «terça», da «meia», etc.
- 4.º — Empréstimo a juro barato e a longo prazo aos lavradores pequenos e médios, sem distinção de que sejam ou não proprietários.
- 5.º — Assistência técnica, fornecimento de máquinas, melhoria e aumento de transportes, extinção de intermediários e organizações monopolistas.
- 6.º — Criação de mais escolas rurais, de todos os graus, instalação de postos de saúde e hospitais, ampliação dos serviços de saneamento, abastecimento de água, luz, etc.
- 7.º — Extensão ao trabalhador rural dos benefícios da legislação trabalhista.

PARA DIMINUIR A TENSÃO INTERNACIONAL

NOVAS INICIATIVAS DO CONSELHO MUNDIAL DA PAZ

Reuniu-se em Viena, de 23 a 28 de novembro último o Conselho Mundial da Paz. A importante reunião contou com a presença dos delegados de todos os países, pertencentes às mais variadas camadas sociais. Escritores, artistas e cientistas dos mais célebres do mundo, líderes operários e camponeses, homens representativos dos mais diversos partidos políticos, movidos pelo desejo comum de salvaguardar a paz, discutiram em Viena os importantes problemas do momento, tendo em vista impedir os intentos dos agentes da agressão e da guerra.

Damos aqui, os dois importantes documentos da reunião de Viena: Resolução Geral do Conselho Mundial da Paz e a Mensagem do Conselho Mundial da Paz às Organizações e personalidades que desejam a diminuição da tensão internacional.

Resolução Geral do Conselho Mundial da Paz

A CARTA DA ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PÕE A DISPOSIÇÃO DOS POVOS UM INSTRUMENTO QUE PERMITE ESTABELECEER UMA PAZ DURADOURA. OS POVOS DEVEM FAZER RESPEITAR A CARTA.

O Apelo em favor das negociações lançado em Budapeste, pelo Conselho Mundial da Paz teve uma profunda repercussão e encontrou o mais amplo apoio. Graças a esta campanha, a idéia da solução das divergências internacionais, mediante acordos aceitáveis para todos ganha terreno dia a dia e dá seus frutos.

A cessação das hostilidades na Coreia constituiu uma vitória da causa da paz.

Com relação à Alemanha, a troca das últimas notas entre as grandes potências demonstra que é possível a reunião de uma conferência das quatro potências em breve prazo.

Com relação à Indochina, a idéia da cessação das hostilidades e de uma solução pacífica abre caminho em setores cada vez mais amplos da opinião pública, tanto na França como no Viet-Nam.

Entretanto, as forças que se opõem à diminuição da tensão internacional empregam a palavra «negociação» para encobrir ações destinadas a prolongar a guerra fria. Não significa buscar negociações e colocar a outra parte diante de fatos consumados; não é querer as negociações e tratar de criar condições para fazê-las fracassar.

Determinadas situações e determinados conflitos, na Ásia como na Europa, mais particularmente, põem em perigo a paz do mundo.

As negociações na Coreia encontram-se ameaçadas. A vontade de excluir os países neutros, e em particular a Índia, de uma conferência política na qual se trate essencialmente de interesses asiáticos poderia fazer fracassar as negociações. Os povos não admitirão o reinício das hostilidades na Coreia.

O interesse da segurança da Europa exige a solução do problema alemão no mais breve prazo. Esta solução não é possível senão mediante o acordo entre as quatro grandes potências: Estados Unidos, U. R. S. S., Grã Bretanha e França. O principal obstáculo que se levanta no caminho para este acordo é a vontade dum das partes de reconstituir o militarismo alemão e de integrar a

Alemanha na coalizão de guerra dirigida contra a outra parte.

O Conselho Mundial da Paz conclama os povos da Europa a impedir a ratificação dos tratados sobre o «exército europeu» e o renascimento, sob qualquer que

seja a forma em que se apresente, do militarismo alemão. Assim se abriria o caminho ao acordo entre as quatro potências sobre o problema alemão, acordo que assegurará a perspectiva de um destino pacífico ao povo alemão e que dará garantias a todos os povos da Europa contra a reconstituição das forças de agressão na Alemanha.

O Conselho Mundial da Paz Propõe:

UM ENCONTRO MUNDIAL, EM CURTO PRAZO, PARA UM LIVRE CONFRONTO DE PONTOS DE VISTA E EXAME DAS SOLUÇÕES POSSÍVEIS PARA DIMINUIR A TENSÃO INTERNACIONAL

Mensagem do Conselho Mundial da Paz às organizações e personalidades que desejam a diminuição da tensão internacional

O armistício concluído na Coreia deu ao mundo, angustiado há tantos anos, a esperança de ver finalmente diminuir a tensão reinante entre as grandes potências. Entretanto, as negociações entabuladas tropeçam com renovados obstáculos. Sobre outras questões de vital importância para a paz do mundo se apresenta difícil o acordo.

Contudo, os povos aspiram à diminuição da tensão internacional. Cada vez lhes são mais insuportáveis os entraves econômicos e as pressões políticas que acompanham a tensão internacional.

Consideramos que é possível tirar o mundo desta situação.

Diversas forças políticas e sociais já atuam em todos os países em favor da diminuição da tensão internacional. Novas personalidades científicas, religiosas e políticas condenam hoje o emprego das armas de extermínio em massa. A opinião pública se alarma ante a acumulação crescente de toda espécie de armamentos.

Todos os homens de bom-senso

comprovam que não é possível resolver os problemas de importância mundial nem assegurar aos acordos concluídos seu completo valor, sem a participação do Governo da República Popular da China.

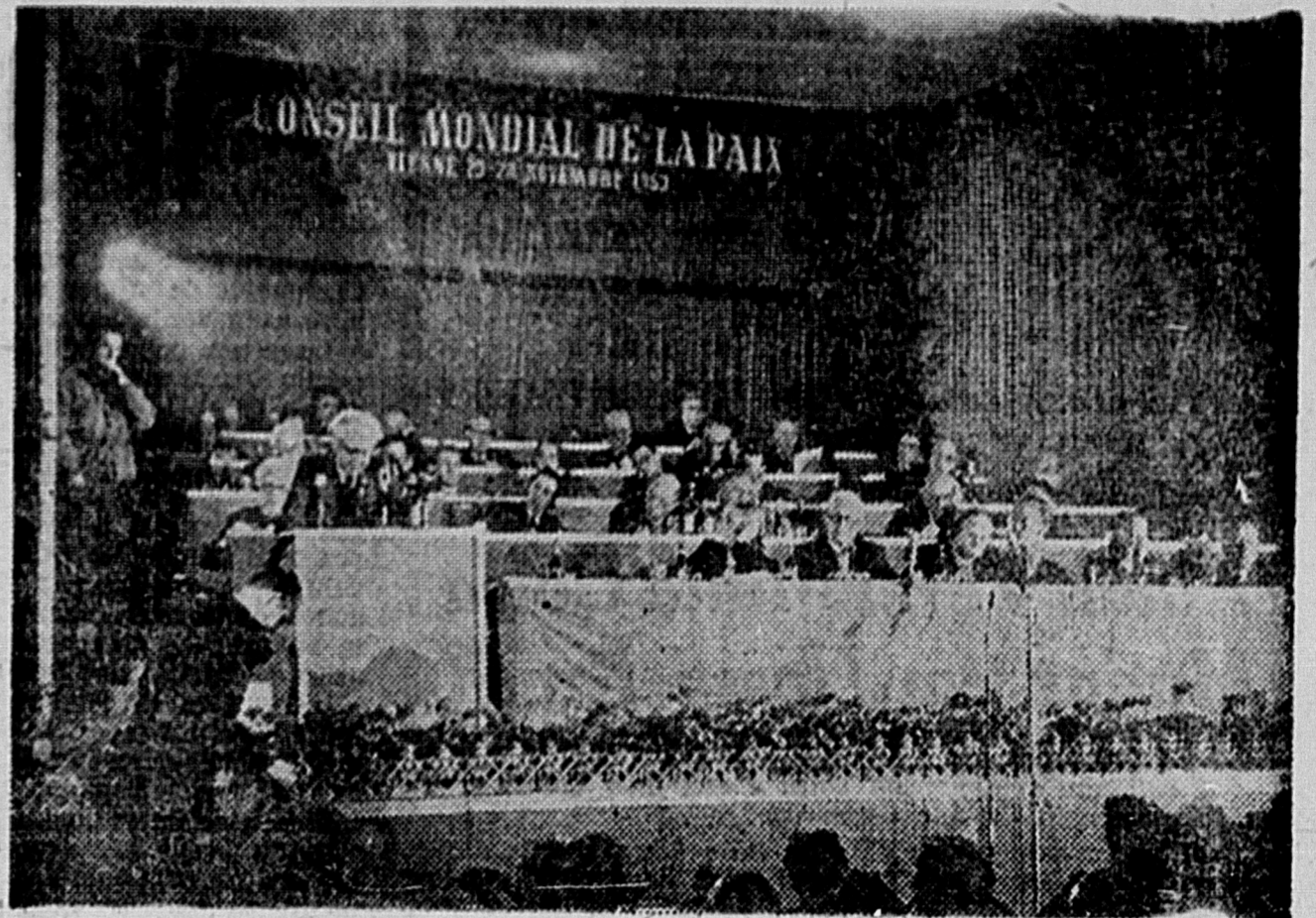
Representantes qualificados de todos os partidos políticos se pronunciam publicamente, na maior parte dos países da Europa Ocidental, contra o ressurgimento do militarismo alemão, sob qualquer forma.

Pensamos que, nestas condições, é conveniente juntar os esforços de todas as organizações e personalidades que desejam a redução da tensão internacional. A resolução adotada pelo Conselho em 28 de novembro de 1953 expressa nosso ponto de vista a este respeito.

Faz-se necessário preparar, de comum acordo, um encontro que permita o livre confronto de todos os pontos de vista e o exame das possíveis soluções. A realização em curto prazo de uma reunião mundial deste caráter representaria, por si mesma, um fator importante na diminuição da tensão internacional.



Convidados brasileiros à reunião de Viena do Conselho Mundial da Paz, vendo-se o advogado José Otávio Monteiro e a pintora Djamira Mota ladeando o dr. Abel Chermont membro do Conselho Mundial da Paz



Wilhelm Elges, da Alemanha Ocidental, presidente da União dos Alemães pela Liberdade, União e Paz, quando pronunciava o seu discurso

do sobre este problema. O Conselho Mundial da Paz deplora que a ONU não tenha chegado ainda a um acordo sobre estes pontos e deseja que prossigam os esforços para estabelecer a proibição absoluta das armas atômicas e biológicas e uma redução importante de todos os armamentos, sob um controle efetivo.

O Conselho Mundial da Paz recorda finalmente que, se bem que seja certo que as negociações devem ser entabuladas em torno a todos os problemas particulares, sempre estimou e segue estimando que a conferência das cinco grandes potências continua sendo o instrumento mais eficaz para chegar à diminuição da tensão internacional.

Esta conferência poderá ocupar-se, por iniciativa de qualquer das cinco grandes potências, de todo problema considerado como uma das causas da tensão internacional e buscar acordos gerais aceitáveis para todos.

A persistente negativa em reconhecer à República Popular da China seu legítimo lugar nos organismos internacionais para a solução dos problemas do mundo representa um obstáculo que se opõe à realização da conferência das cinco grandes potências.

Esta negativa, contrária aos interesses de todos os Estados, é julgada cada vez mais severamente pela opinião pública mundial.

A Carta da Organização das Nações Unidas põe à disposição dos povos um instrumento que permite estabelecer uma paz duradoura. Os povos devem fazer respeitar a Carta. Os atentados contra ela têm colocado o mundo ante grandes dificuldades.

O retorno à letra e ao espírito da Carta ajudaria aos povos a garantir sua segurança e independência e permitiria uma verdadeira colaboração entre as nações para o desenvolvimento de seus recursos econômicos, de seu bem-estar e de sua cultura.

A angústia e o medo, a miséria e as privações que a guerra fria e a corrida armamentista fazem pesar sobre os homens podem e devem ser afastados pela luta dos povos, da qual, em definitivo, depende a paz.

O Conselho Mundial da Paz, em sua campanha de assinaturas para o Apelo de Estocolmo e nas resoluções do Congresso de Varsóvia, chamou a atenção do mundo

para a crescente corrida armamentista e a fabricação de armas de extermínio em massa representam um peso insuportável e uma terrível ameaça para o mundo inteiro.

Salve 3 de Janeiro!
Salve o Aniversário de
PRESTES!



RESERVEM DESDE
JA SUAS COTAS,
PREPAREM OS CO-
MANDOS DE VEN-
DA DA EDIÇÃO
ESPECIAL
DE

«VOZ OPERÁRIA» EM HOMENAGEM
AO CAVALHEIRO DA ESPERANÇA.

Ainda Verei Muita Coisa Mudar em Nosso Brasil

— Lá este apelo da VOZ OPERÁRIA e vim...
A velhinha remexeu na bolsa e sua mão voltou seguran-
do uma nota de cem cruzeiros.

— É para a imprensa popular. Só a esses jornais é que
dá o meu dinheiro. Faz dias que estou para vir à cidade.
Hoje resolvei.

Há dias vinha guardando aqueles cem cruzeiros. Di-
nheiro bem empregado era aquele. Quase não enxada,
mas o povo a ajudou a atravessar as ruas. Assim era Ma-
ria Leopoldina dos Santos, uma velhinha que veio de longe
para ajudar aos jornais de Prestes. Veio de Oswaldo Cruz.

Extraordinário o exemplo dessa mulher de 74 anos
que pôs 15 filhos no mundo e nos disse sorrindo que de
netos e bisnetos, nem se lembra quantos têm. Só contan-
do... Um dia, em 1945, um moço lhe deu a Tribuna Po-
pular. Desde esse dia não lê outros jornais, senão os jo-
rnais de Prestes, os jornais da verdade e da paz e sempre
votou com o Partido Comunista. Getúlio, disse ela, parecia
tão bom... mas virou o diabo.

Depois de um longo bate-papo conosco, ela se despe-
diu dizendo:

— Mesmo com 74 anos, tenho fé em Deus que ainda vou
ver muita coisa mudar em nosso Brasil.

ARRANCADA VITORIOSA PARA A CONQUISTA DOS 20 MILHÕES

Avança com entusiasmo a
Campanha de Ajuda à Im-
prensa da Verdade e da Paz,
a imprensa popular, em ca-
minho dos 20 milhões de cru-
zeiros. O Apelo da Comissão
Central está sendo respondi-
do com novas contribuições
financeiras, com novos esfor-
ços do povo. Os trabalhado-
res compreenderam que po-
dem e devem superar essa
cota e tudo farão por cobri-
la até 3 de janeiro, aniversá-
rio de Luiz Carlos Prestes.

Como têm respondido os
trabalhadores? A Comissão
dos Trabalhadores da Light
Pró-Imprensa Popular, por
exemplo, acaba de dirigir um
vibrante apelo aos que tra-
balham naquela empresa im-
perialista no sentido de que
contribuam para a imprensa
popular com 10% do Abono
que receberem no Natal. De-
pois de se congratular com o
êxito alcançado na cobertura
da cota na Campanha dos 15
Milhões, o documento diz:
«Atendendo ao Apelo da Co-
missão Nacional Pró-Impre-
nça Popular, mais uma vez
conclamamos para que seja
intensificada a ajuda aos nos-
sos jornais, para que possamos
a 3 de janeiro, festejar
a vitória da Campanha com a
arrecadação total de 20 MI-
LHÕES DE CRUZEIROS.
Aproveitando o êxito alcan-



Apesar da chuva que caiu no domingo último, centenas de pessoas compareceram à uni-
mada festa da Granja das Garças, pró-imprensa popular. Aqui vemos alguns delegados
sul-americanos que, de passagem por esta Capital, de regresso do Congresso Sindical
Mundial, participaram do churrasco, lado a lado com os trabalhadores brasileiros

gado com relação à doação
de um dia de salário, lança-
mos uma nova Campanha
que de antemão sabemos vi-
toriosa: a de 10% do Abono
de Natal, pois todos os tra-
balhadores da Light sabem
muito bem que quando ini-
ciamos esta importante rei-
vindicação a imprensa popu-
lar sempre esteve ao nosso
lado.

Estamos certos que todos
os nossos companheiros le-
varão de vencida mais esta
Campanha para que possamos
fazer da IMPRENSA
POPULAR, um jornal me-
lhor, para melhor defender
as nossas reivindicações.»

Com esse espírito, novas
iniciativas estão surgindo.
Inúmeras festas estão sendo
realizadas. Em Correias, pró-
ximo a Petrópolis, no Esta-
do do Rio, foi promovida uma
interessante festa na prin-
cipal praça pública. Animada
com artistas do rádio e do
teatro, contou com a presen-
ça de mais de 500 pessoas.

Houve leilão e o povo trou-
xe sua contribuição.

Outra grande festa foi a
realizada nesta Capital, na
afamada Granja das Garças.
Mesmo com a chuva intermi-
tente, o povo não deixou de
comparecer em massa ao
churrasco. O sítio, previa-
mente ornamentado, oferecia
um aspecto agradável. Inú-
meras barracas montadas pe-
las comissões de ajuda à im-
prensa popular, ofereciam
café, doces e refrescos ao po-
vo.

Lá no canto, no salão, uma
orquestra animava o baile.
Os pares dançavam alegre-
mente as últimas marchi-
nhas e sambas populares lan-
çados para o próximo carna-
val. De São Paulo vieram
inúmeras pessoas, dentre as
quais 7 candidatas paulistas
a Rainha da imprensa popu-
lar. Eram tecelãs, metalúrgi-
cas, operárias de fábricas de
brinquedos que vinham ani-
mar uma festa sua, festa da
imprensa dos trabalhadores.

O baile ia aceso quando o
locutor anunciou a presença
do líder dos marítimos, Em-
ílio Bonfante Demaria, acom-
panhado de inúmeros dele-
gados dos trabalhadores, da
Uruguai, Paraguai, Chile e
Bolívia, de passagem por esta
Capital, vindos do Congresso
Sindical Mundial, recém-reali-
zado em Viena. Uma estron-
dosa manifestação de entu-
siasmo se fez sentir no re-
cinto. Cada um deles ocupou
o microfone para saudar a
imprensa popular brasileira
naquela festa empolgante.
Bonfante falou e recebeu
uma vibrante saudação. Ele
ali representava os 100.000
marítimos que deram a sua
grande ajuda à imprensa po-
pular, os primeiros a cobrir
e superar a cota estabelecida.

Novas festas estão prográ-
madas. Novas iniciativas es-
tão em desenvolvimento. Fal-
tam-nos apenas 15 dias para
a chegada vitoriosa ao fim
da Campanha e é preciso dar
uma grande arrancada para
essa vitória.

RESULTADOS DA CAMPANHA DOS 20 MILHÕES

ATÉ 14-XII-53

ESTADOS	Arrecadado	Solicitado pela C. Central	Remetido à C. Central	% da cota de su- bida
Grupo «A»				
DISTRITO FEDERAL	4.355.133,00	3.800.000,00	3.018.826,00	79,4
S. PAULO	6.065.000,00	3.800.000,00	1.607.618,00	42,2
Grupo «B»				
R. G. DO SUL	1.131.000,00	500.000,00	302.000,00	60,4
MINAS GERAIS	750.000,00	400.000,00	105.000,00	26,2
EST. DO RIO	774.000,00	400.000,00	212.130,00	53,0
BAHIA	400.000,00	400.000,00	5.000,00	1,2
CEARA	430.814,00	250.000,00	30.000,00	12,0
PERNAMBUCO	351.483,00	250.000,00	3.000,00	1,2
Grupo «C»				
GOIÁS	150.000,00	110.000,00	80.000,00	72,7
PARANÁ	179.000,00	100.000,00	50.796,00	50,7
JOVENS	872.638,00	100.000,00	63.000,00	63,0
MARÍTIMOS	474.161,00	100.000,00	53.300,00	53,3
ESP. SANTO	125.391,00	80.000,00	—	—
Grupo «D»				
PARAÍBA	20.000,00	25.000,00	zero	zero
MATO GROSSO	63.000,00	20.000,00	18.500,00	92,5
R. G. DO NORTE	6.662,00	20.000,00	zero	zero
STA. CATARINA	51.500,00	20.000,00	6.500,00	32,5
PARÁ	—	20.000,00	zero	zero
MARANHÃO	42.260,00	16.000,00	4.300,00	26,8
AMAZONAS	12.600,00	10.000,00	7.000,00	70,0
PIAUI	—	10.000,00	zero	zero
ALAGOAS	30.000,00	10.000,00	zero	zero
SERGIPE	—	10.000,00	zero	zero

Arrecadação nacional até 14-12-53: 16.284.642,00

Falta arrecadar 3.715.358,00

Nova cota 20.000.000,00

NOTA: — A Comissão Central solicita das Comissões Estaduais o cumprimento da
recomendação referente às cotas de subida. Os que ainda não completaram a cota soli-
citada pela C. Central, devem fazê-lo com urgência à medida que forem arrecadando as
importâncias.

Envie Hoje Mesmo Sua Contribuição Para a CAMPANHA DOS 20 MILHÕES

SOLICITAMOS DOS NOSSOS AMIGOS E LEITORES
QUE POR QUALQUER DIFICULDADE AINDA NÃO
PUDEAM DAR SEU APOIO À CAMPANHA DOS 20
MILHÕES, QUE ENVIEM SUA CONTRIBUIÇÃO POR
INTERMÉDIO DA VOZ OPERÁRIA, À AVENIDA
RIO BRANCO, 257, 17.º ANDAR, SALA 1712 — RIO.

Ajude a Reparar a
Imprensa da Verdade e da Paz